



Kamila Fernandes
Jornalista e Professora

Da força da menina alegre, surge a ousadia da mulher de coragem que transborda no mundo

Um manancial humano ousado e cheio de inquietações que transborda leveza, graça e simpatia. O coração cearense da jornalista paulistana Kamila Bossato Fernandes é enorme, e a alma, diversa. Ri alto, fala firme, tem seriedade nas opiniões. Desde a adolescência, mostra a coragem que lhe é peculiar à procura de independência. Ser Kamila agrega inúmeros adjetivos: corajosa, rebelde, forte, segura.

Ao mesmo tempo, sob a fortaleza e a determinação, há a delicadeza, a sensibilidade, a mãe que se dedica aos filhos – Ana Clara e Benício – com o zelo de quem tem a missão de educá-los da melhor forma possível e se preocupa com a estabilidade da família. Das dificuldades, vêm a motivação para querer algo mais. “Para crescer”. É dessa fonte praticamente inesgotável que Kamila retirou e retira forças.

Se nos caminhos tinham várias pedras, como diz Drummond, a resistência de uma rocha é quebrada facilmente com o sorriso largo na boca, nos olhos e no coração. Kamila tem uma marca (não oficialmente) registrada. A gargalhada que enche os ouvidos, espalha-se pelos corredores, afeta o coração e transporta quem a ouve para um universo tranquilo e de paz. Kamila é, claramente, um ser iluminado que reflete e refrata alegria, espontaneidade e vivacidade.

Não tem passar de anos que coloque ponto final na vontade da “repórter precoce” em integrar o mundo conflituoso e inconstante do jornalismo. A empolgação passa por cima de altos e baixos, dificuldades e problemas. No sentido mais positivo que existir, Kamila é uma eterna idealista cujos olhos brilham ao lembrar das boas histórias da carreira. A jornalista-professora renova-se na luta diária; nasce e renasce na adversidade. Gesticula, puxa, remexe, procura, caça, grita e enfrenta.

Saiu do que antes parecia ser o “centro do mundo” para conquistar cantos por ela inexplorados do País. Conquista lugares e pessoas. Não há escudo capaz de

deter tamanha simpatia. Kamila se expande por onde passa e deixa marcas, mesmo que seja a lembrança da risada contagiante.

Impôs-se no universo machista e masculino da política cearense cutucando os nervos e desesperando os poderosos. Talvez não houvesse lugar “melhor” para o desfile do caráter bem formado, da honestidade, da personalidade forte, da voz alta e firme que se sobressai sobre a arrogância e a petulância que se espalham por aí. Sem abandonar a coerência nas crenças e com pensamento rápido e inteligente, Kamila assim constrói um caminho de luta e vitórias nada fáceis.

E, por entre os percalços, abraça as histórias com carinho e trata as personagens delas com profissionalismo. Dá a cara à tapa repetindo uma frase: “Dou um jeito”. E consegue. Não deixa de ser quem é em um caminho repleto de mudanças e transições. Mas, no meio de uma vida com movimentos tão rápidos – iguais ao balançar das mãos e do olhar enquanto conversa –, chega uma hora de aquietar.

Cansada? Talvez. Mais madura? Com certeza. Depois de um tempo, o mundo requer um novo olhar sobre ele. Momento de passar por outras portas semiabertas. É a vez de voltar à universidade. E os mesmo olhos castanhos que brilham de emoção ao falar de jornalismo cintilam com as novas oportunidades e vivências da carreira acadêmica.

Kamila é uma eterna apaixonada por jornalismo, seja na “linha de frente”, nos bastidores da edição ou na formação de novos profissionais. O mesmo entusiasmo, agora mais tranquilo e – repito – maduro, é redirecionado. Kamila encantou as redações e as coletivas de imprensa. Na universidade, ela encanta naturalmente todos que têm a honra de conviver com a mulher de fibra, coragem, rebelde, ousada e teimosa que luta, agora, pela formação de novos jornalistas que se espelham na competência e no envolvimento da professora com o mundo contraditório que nos cerca.

Ficha Técnica

Equipe de produção:
Ana Maria Rodrigues
David Medina

Entrevistadores:
Amanda Matos
Ana Maria Rodrigues
Breno Reis
David Medina
Drielle Furtado
Hélio Grangeiro
Jadiel Lima
Mariângela Chagas
Nathanael Filgueiras

Texto de abertura
Ana Maria Rodrigues

Fotografia:
Chloé Leurquin



Entrevista com Kamila Fernandes, dia 02 de outubro de 2014.

Ana Maria – Kamila, nós conversamos com sua irmã (*Karolina Fernandes*) e ela nos contou que vocês foram educadas para estudar e se tornarem mulheres independentes. Ela também nos falou que vocês não tiveram luxos durante a infância. De que forma os pais de vocês agiam para que vocês tivessem essa educação e estudassem para vocês se tornarem mulheres trabalhadoras e independentes?

Kamila – A gente estudava em escola pública, mas era uma boa escola. Não tinha uma situação de vida confortável, mas não faltavam as coisas. Tinha, mas não era sobrando. Não era algo que chamasse nossa atenção, que a gente pensasse: “Ai, eu queria isso, mas não posso”. A gente não tinha essa mentalidade, nem eu nem ela. Mas, na nossa infância, meu pai (*Martinho Fernandes*), aos poucos, foi se jogando na bebida. Ele virou alcoólatra e brigava muito com a minha mãe... Minha mãe (*Maria Aparecida Bossato Fernandes*) foi quem conduziu esse esforço para que a gente se tornasse mulheres independentes. Como somos só nós duas... Então, era realmente uma cobrança muito pesada. Eu era ótima aluna, minha irmã também. A gente só tirava nota alta. Às vezes, eu chegava superfeliz porque tinha sido a única a tirar um dez... E minha mãe virava e falava assim: “Não fez mais que sua obrigação” (*fala de forma ríspida*). Na época eu ficava chateada (*ênfase*), mas hoje em dia eu entendo porque ela *tava* construindo isso, essa busca por entender que a gente tinha de se esforçar.

Com 15 pra 16 anos, eu já comecei a trabalhar, mas mesmo assim continuei estudando. Karolina também começou a trabalhar cedo. Enfim, fomos trilhando um caminho pensando que a gente tinha de vencer. Não financeiramente, mas vencer profissionalmente. Ter uma profissão, sermos pessoas... Eu já tinha um viés mais crítico, político. Era envolvida com luta estudantil na escola, coisa bem pequena, mas gostava. E, com esse olhar, achava que esse era o caminho, porque eu via minha mãe presa naquele mundo. Ela reclamava que não podia sair daquela situação, daquele casamento, mesmo infeliz com relação ao meu pai... Depois ele parou de beber, ainda bem, e tudo melhorou. Mas foram muitos anos ruins, uma crise pesada. Ela ficava naquela situação porque não tinha uma profissão, não tinha es-

tudado e falava: “Não! Vocês não vão passar por isso. Vocês vão ser independentes. Vocês vão ter a vida de vocês”. E a gente incorporou isso pra nossa vida.

David – A gente observa que vocês tiveram esse senso de responsabilidade desenvolvido desde cedo, então tem a ver não só com a questão financeira, mas também com os problemas da família...

Kamila – Eu acho que sim. Eu *tava* até falando outro dia com meu marido, Fábio (*Fábio Freitas Marques, jornalista*), que eu sempre tive medo porque minha filha (*Ana Clara Fernandes*) sempre teve a vida muito fácil, com a família estruturada... Eu me separei do pai dela, mas não foi nada que a afetasse muito intensamente... Existe muito essa situação de gente que tem a vida muito fácil e depois fica desestimulado, não vai adiante, não cresce. Eu acredito que, às vezes, os problemas ajudam a nos levar pra frente. Você quer superar, sair daquilo e viver uma vida melhor, então isso o motiva. Mas se você não tem uma motivação, o que o motiva? Pode ser uma família boa. O Fábio sempre (*teve*) uma família boa e estruturada, então eu falo: “Meu, é uma esperança”. (*risos*)

Também era um momento diferente do País, com a volta à democracia (*Período da redemocratização no Brasil, que se inicia com o governo Ernesto Geisel, de 1974 a 1979, e termina com a eleição indireta de Tancredo Neves, em 1985*), toda essa discussão afetava a gente também. Depois, quando o Collor (*Fernando Collor de Mello – ex-presidente do Brasil, de 1990 até 1992*) tomou a poupança... Meu pai na época ficou meio mal, pensando nessas coisas de dinheiro. E a gente foi tomando uma consciência mais precoce, mas sem deixar de ser criança. Eu brincava de boneca, tinha minha *Barbie*. Tinha ideia da minha idade, tinha ideia da situação, de tudo que eu tinha de passar. Não me achava adulta. Era algo que eu achava natural. (*Sou*) filha de português. Meus pais começaram a trabalhar muito cedo, meus avós (*também*). Eu achava natural ter esse percurso.

Ana Maria – A sua irmã nos falou também que você a chamava de “Lili” e a protegia, dava a mão quando vocês iam atravessar a rua... Como era o relacionamento de vocês?

Kamila – Ela é só um ano e oito meses mais

Kamila Bossato Fernandes nasceu em 25 de abril de 1978 na cidade de São Paulo (SP). Foi registrada no cartório de Guarulhos (SP), por isso consta que é guarulhense. Tem uma irmã chamada Karolina, um ano e oito meses mais nova, que mora em São Paulo.

O pai de Kamila – Martinho Fernandes – gosta da letra “K”, por isso os nomes das duas filhas começam com essa letra. Ele e a mãe de Kamila – Maria Aparecida Bossato Fernandes – também moram em São Paulo.

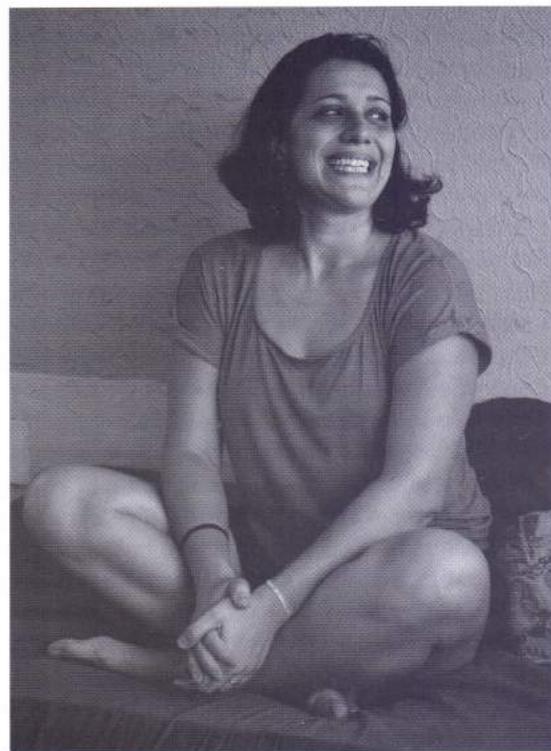
Kamila mora em Fortaleza desde 2002 e tem dois filhos: Ana Clara de 13 anos e Benício de três. Ela é casada com o jornalista Fábio Freitas Marques há três anos e meio.

nova que eu, então nós crescemos juntas. A gente era muito grudada, mesmo na infância. Eu (a) chamava de "Lina", depois de "Lita" (*gargalhada*) e depois Lili. Até hoje eu a chamo de "Li". (*risos*). Só eu que a chamo assim. Tudo que eu aprendia na escola eu ensinava pra ela. Era a forma de eu estudar: ensinando pra Karolina. Quando chegava à escola, ela não queria aprender nada... Ela ficava conversando e a professora (*falava*): "Karolina, você tem de estudar". (*E a Karolina falava*) "Mas eu já sei. Eu já sei". A professora passava o exercício e ela realmente sabia (*risos*). Não é porque ela é *gênia*, era porque eu ensinava (*gargalhada*). Era uma relação muito legal.

Mas chegou a adolescência e os nossos interesses viraram totalmente diferentes. Eu fiquei meio "riponga" (*estilo hippie*), meio "esquerda" e ela ficou mais roqueira, quase gótica (*Kamila ri e todos riem depois*). Ela gostava da Courtney Love (*cantora de rock estadunidense*) e eu gostava de Pearl Jam (*banda de rock alternativo dos Estados Unidos*). Nada a ver (*Kamila continua rindo*). A gente odiava os amigos uma da outra, então a gente se afastou na adolescência. Hoje a gente se reaproximou, mas temos muitas diferenças. A gente se dá bem porque tá longe.. Porque nós temos pensamentos muito diferentes... Na criação dos filhos, na condução da vida mesmo. Mas se fosse todo dia, acho que não ia dar certo (*risos*).

David – Kamila, partindo para o lado da sua vida profissional, o que foi mais significativo para você escolher a carreira de jornalista?

Kamila – Nessa história de pensar a vida (*ri-*



Kamila ficou muito emocionada e com os olhos marejados quando foi convidada para ser uma das entrevistadas da *Revista Entrevista*. Sorrindo muito, ela disse à dupla de produção: "Nunca pensei que fosse ser convidada. Achava que só quando tivesse mais velha".

"Eu acredito que, às vezes, os problemas ajudam a nos levar pra frente. Você quer superar, sair daquilo e viver uma vida melhor, então isso te motiva."

ros), eu acho que desde sempre eu tive interesse. Na morte do Tancredo Neves, em 1985, eu fiz minha mãe comprar a revista *Manchete* (*revista publicada semanalmente de 1952 a 2000 pela Bloch Editores*) porque eu queria a cobertura completa (*ênfase*) da morte do Tancredo e ficava vidrada na televisão (*faz uma expressão de extrema atenção*) querendo saber tudo o que *tava* acontecendo. Então, assim, sempre me interessou. Meu pai é feirante e teve uma época que ele não trabalhava na feira e a gente ia com ele todo domingo pra fazer compras. A gente ia com ele – eu e minha irmã – e na saída ele sempre comprava o *Estadão* (*Jornal O Estado de S. Paulo*).

David – (*interrompendo*)... Pra ti ou pra ele?

Kamila – Ele comprava o *Estadão* pra casa, mas sempre quem lia era eu (*risos*). Eu gostava do Luís Fernando Veríssimo (*escritor*), das crônicas dele. Adorava! Achava espetaculares, o máximo! E eu queria ser médica, mas eu comecei a perceber que eu gostava mais de escrever. Uma professora de Português da 5ª à 8ª série foi muito importante no início. Ela incentivava, elogiava as minhas redações e isso foi fundamental. Logo depois de não querer ser mais médica, eu queria ser jornalista, e eu fui construindo isso. Mas, lógico, na véspera do vestibular eu queria ser cantora, artista plástica, cientista social... Tudo (*ênfase*), e jornalista. (*risos*) Na hora de preencher o formulário, eu (*pensava*): "Ai, meu Deus! O que eu faço? Sei lá, vou fazer qualquer coisa (*risos*). Vou fazer Artes Plásticas, vou fazer Artes Cênicas, vou virar cantora de barzinho, qualquer coisa." É muito foda! De todo jeito aparecem as dúvidas, mas fui construindo isso ao longo da adolescência: "Eu quero ser jornalista".

Jadiel – Você parece que decidiu bem cedo e começou a trabalhar bem jovem também, com 15, 16 anos, em jornal de bairro...

Kamila – É, foi muita sorte. Porque eu fazia um curso técnico no Ensino Médio – Técnica em Mercadologia, que é tradução de marke-

ting. Primeiro eu fiz um estágio numa consultoria de marketing, mas logo depois eu fiz um estagiazinho numa agência de publicidade, onde eu aprendi a diagramar, a mexer no Macintosh, no Photoshop, no Pagemaker. Depois eu caí num jornalzinho de bairro perto da minha casa pra ser diagramadora.

Era um casal – olha só, gente, os negócios que as pessoas montam – que tinha um jornal semanal, basicamente de anúncios de imobiliária, mas tinha as matérias também pro pessoal ter alguma coisa pra ler. *Folha da Zona Norte (o nome do jornal)*. E eu fazia uma diagramação tosquíssima, era horrível! Mas saía e eles gostavam. Fiquei uns dez meses lá, já tinha 17 anos.

David – Kamila, sobre a tua relação com a cidade de São Paulo e Guarulhos (*locais onde nasceu e morou*), o que isso representa de modo mais significativo na formação da tua personalidade?

Kamila – Quando eu tava só lá (*em São Paulo*), eu tinha cabeça de paulista, que era “o centro do mundo é aqui”, ou o centro do Brasil, no mínimo. Achava que ali era o lugar mais importante que o resto é tudo, menos importante. Mas eu tive a sorte (*ênfase*) de cair num canto chamado *Agência Folha (agência de notícias do jornal Folha de São Paulo)* e isso me fez conhecer o Brasil de um modo muito diferente. Comecei a perceber essa limitação do paulista de enxergar o resto do Brasil. Hoje eu vejo São Paulo como um lugar muito importante... Foi muito importante pra minha existência, enfim, minha família tá lá... Mas eu não sinto falta da cidade, pelo contrário. Quando

“Lá (em São Paulo), a gente só enxerga estigmatizado mesmo. ‘Ah, floresta, Amazônia... Sertão, pobreza, miséria’.”

eu estou lá, eu já começo a ficar agoniada pra ir embora, porque é uma pressa muito grande. As pessoas têm de se sentir agoniadas, têm de se sentir apressadas, têm de se sentir... Pressionadas (*ênfase*). Têm de se sentir produtivas... Sendo que nem sempre a gente precisa se sentir assim.

David – Esse teu início precoce de trabalhar tem a ver talvez com essa realidade paulista?

Kamila – Talvez tenha. Todo mundo tem de ter essa pressa de tudo. O tempo todo as pessoas estão apressadas, saem correndo. Tudo bem né, porque é foda mesmo! É tudo lotado. É muito tempo no trânsito... Você fica estressado com aquilo, mas nem tudo precisa ser assim.

Eu chegava à redação lá na *Folha* e achava que aquilo (*a pressa*) era normal... Chegava à redação e ninguém cumprimentava ninguém... Vai pra sua mesa, pro seu computador, vai trabalhar e não tem “bom dia” ou “boa tarde”.

Semanas depois do convite, Kamila encontrou o professor Ronaldo Salgado em um dos corredores do Centro de Humanidades II da UFC e perguntou: “O que vocês vão aprontar comigo, hein?”



Todos os nove entrevistadores foram alunos de Kamila nas disciplinas de Introdução às Técnicas Jornalísticas - módulo de televisão e Telejornalismo I.

Chloé Leurquin, a fotógrafa da entrevista, participou da edição nº 32 da *Revista Entrevista* e também foi aluna de Kamila. Chloé estava um pouco nervosa e falou várias vezes que é muita responsabilidade fotografar pra uma edição da revista.

Graças a Deus aqui no (*jornal*) *O Povo* eu vi que não é assim.

David – Kamila, a gente conversou com o Fábio e ele falou que existiam, para além do trabalho, outros motivos para você ter vindo pra Fortaleza e tinha a ver com a sua libertação. É isso mesmo? Tinha a ver com sua independência?

Kamila – Como eu falei, a minha vida familiar não era fácil, não era uma vida tranquila e feliz. Nessa época quando eu vim, meu pai já tinha parado de beber, mas ainda não era uma situação tranquila e feliz... (*para e pensa um pouco*) Havia muito conflito pelos posicionamentos que eu queria ter, que ele queria ter, enfim, interferências em demasia. E eu acho que de outra forma eu não sairia tão cedo de casa. Ia ficar lá porque minha família é tradicional, de “só vai sair casada”. Ter conseguido uma vaga fora pelo jornal era uma maneira...



do sozinha. Talvez se eu não fizesse isso, eu entraria naquele ciclo vicioso e ia acabar com a minha vida. Ia entrar numa *vibe* que não era o que eu queria. Se voltasse no tempo, faria tudo de novo. Então, acho que foi uma escolha correta. Pra crescer, perceber que eu poderia construir uma família de uma forma diferente, que eu poderia ter uma vivência diferente e até pra valorizar minha família de uma forma diferente. Porque à distância a relação melhorou muito. Isso fez com que a gente se aproximasse também. Hoje em dia sou até a mediadora, às vezes. Fico tentando resolver mesmo que por telefone.

Amanda – Logo no começo a gente falou dessa sua criação pra ser independente, sua e da irmã. Como que seus pais viram isso de deixar tudo e vir pra Fortaleza trabalhar, sendo tão jovem?

Kamila – Foi um choque. Minha mãe cho-



Mas isso eu não formulei naquele momento. Eu tinha um objetivo de vida: queria sair logo de casa. E de repente foi o caminho mais fácil. Ir pra longe a ficar perto. Pra ter paz, pra ter a vida que eu queria... Poxa, é tão difícil falar nisso! Eu não faço terapia (*gargalhada*), então se eu fizesse talvez fosse mais fácil. Mas era uma vivência muito cheia de conflitos. O tempo todo brigando e aquilo não me agradava. Eu não queria viver naquilo.

Nathanael – Em algum momento você se sentiu egoísta em deixar sua família?

Kamila – (*Eu*) Me senti, me senti. E assim, acho que até hoje passa um pouco pela minha cabeça isso. Porque, bem ou mal, eu *tô* aqui confortável e tranquila e minha irmã ficou lá tendo de administrar um pouco a situação que até hoje não é tranquila. Mas, enfim, foi uma escolha. Não dá pra carregar o mun-

rava... Ficou bem chateada, ao mesmo tempo feliz porque é como se fosse um reconhecimento do jornal. Então, eu estava sendo promovida. Eu não vim numa situação precária. Vim com a carteira assinada, tudo certo. O salário realmente melhorava um pouco. Mas ela ficou muito chateada, com certeza. Meu pai não externou muito, ele me parabenizou... Aparentemente ficou tranquilo, ficou feliz. Mas eu percebo que ele sente saudades, sempre que eu *tô* lá ele fica muito carinhoso, sente muita falta dos meus filhos. Mas eu acho que toda relação à distância tem essa dimensão. Acho que é normal.

Se fosse a minha filha – vai chegar esse momento – e falasse: “Eu *tô* indo morar fora”... Eu já até comecei a me preparar psicologicamente para isso (*risos*), porque pode acontecer. E a gente, pai e mãe, tem de estar preparado mes-

Para prepararem o material de produção da entrevista, Ana Maria e David entrevistaram seis pessoas que são do convívio pessoal e profissional de Kamila, entre elas, Fábio Marques (marido) e Karolina Fernandes (irmã).

mo pra isso, pro bem do filho.

Hélio – Kamila, como ocorreu esse processo de transição entre São Paulo e Ceará?

Kamila – Começou lá na *Agência Folha*, que é esse setor da *Folha de São Paulo*. É uma área voltada para os estados onde não têm sucursais estruturadas. A *Folha* tem sucursais bem formadas, com equipe, em São Paulo, que é a sede; no Rio de Janeiro; e em Brasília. O resto do Brasil é coberto pela *Agência Folha*, que tem a estrutura em São Paulo e alguns correspondentes pelo Brasil. Então, quando eu entrei, entrei pra ficar em São Paulo mesmo, e eles dividiam os repórteres de lá – a gente fazia reportagens, a maioria por telefone e por computador – para cuidar de uns três estados. Eu cuidava de Goiás, Maranhão e... Não lembro o outro... Sergipe... Sei lá. Mas eu era muito desesperada (*ênfase*) e ficava olhando os jornais de vários estados, caçando pauta. A partir daí, cheguei a fazer pautas aqui no Ceará quando eu *tava* lá ainda. Fiz pautas em Santa Catarina, Goiás, Tocantins, Minas Gerais, Maranhão, um bocado de canto, e foi assim o início.

Quando eu entrei lá, comecei a descobrir

cei a encher o saco do meu chefe na época, o Nilson Oliveira (*jornalista, editor da Folha de São Paulo*), e ele me adorava. O apelido dele era “Trator”, porque ele era o “cão chupando manga”. Ele dava bronca, era muito, muito rigoroso, bruto também. Mas eu era a foca da foca (*a palavra “foca” é usada para designar jornalistas recém-formados e em formação contratados nas redações*), era empolgada e ele me adorava. Quando eu chegava (*e falava*): “Chefe (*bate as mãos*), eu quero fazer uma pauta em tal lugar.” (*fala de modo empolgado*) E ele já começava a rir (*todos riem*). “Vai ser superlegal, tem isso aqui, tem isso aqui...”. Já mostrava pra ele, já vendia (*a pauta*) e eu comecei a falar da história das férias do Paulo Mota: “Chefe (*bate as mãos*), o Paulo Mota vai tirar férias. E eu queria muito ir pra Fortaleza. Eu quero ir, quero ir!”. E eu ficava lembrando: “E aí, já tá decidida as férias do Paulo Mota? Como vai ser?” Chegou um momento que ele falou: “Tá bom, vai”.

E era muito bom na época porque eu vinha com passagem paga, ficava num hotel, recebia diária, tudo pago pelo jornal. Então era um sonho. Eu fiquei aqui os 40 dias das férias do

“Eu nem tava interessada tanto em jornalismo político (...). O Ceará é que me levou a me interessar pelo jornalismo político.”

o Brasil... Eu nem imaginava que Fortaleza era tão desenvolvida. Nem imaginava todas as questões que envolvem certas localidades. Lá (*em São Paulo*), a gente só enxerga estigmatizado mesmo. “Ah, floresta, Amazônia... Sertão, pobreza, miséria”. Quando comecei a perceber o contrário, isso iluminou minha cabeça. Fiquei (*pensando*): “Cara, quero ser correspondente.” Mas sem perspectiva nenhuma. Eu era estudante e não sabia quando ia acontecer.

Fiquei, na época, muito amiga de vários correspondentes, entre eles o da Bahia, o de Minas e o daqui de Fortaleza, o Paulo Mota (*jornalista. Trabalhou por 14 anos na Folha de São Paulo*), e ele é muito amigo do Xico Sá (*jornalista e escritor cearense*), de quem eu fiquei muito amiga na época, lá em São Paulo. E ele (*Xico Sá*) me passava pautas do Ceará. Eu achava o máximo.

O Paulo Mota ia tirar férias, isso no final de 1999, e ele falou assim: “Olha, Kamila, fica esperta! Porque quando o correspondente sai de férias, o jornal manda alguém pra substituir. Então, vê se fala aí que você *tá* afim”. Come-

cei a passar o Natal e o Ano Novo aqui. Era período de dezembro, começo de janeiro. Foi um espetáculo! *Tava* me sentindo assim... Ah, uma alegria! Pra vocês terem noção, eu conheci tanta gente nessa época: conheci a Ângela Borges (*1947-2004, publicitária, foi repórter no jornal O Povo na década de 1970*), pessoal do Fernando Costa (*publicitário cearense da agência Verve Comunicação*)... Foi a Ângela Borges que me convidou pra passar o *reveillon* num apartamento na (*avenida*) Beira-Mar de uma ricaça e lá estava, entre os convidados, o José Simão (*jornalista e colunista*), o Lino Villaventura (*estilista*)... Um monte de gente famosa. Então, foi uma chegada muito, muito bacana. Mas tive de voltar pra São Paulo. Já *tava* tristonha... (*Pensando*) “Ôh vida...”.

Mas o Paulo Mota decidiu ir pra São Paulo fazer mestrado. Passou no mestrado e conseguiu a vaga pra continuar na *Folha* e ia ficar na política. E abriu a vaga (*de correspondente em Fortaleza*). Já tinha mudado o chefe. Era a Fernanda Cirenza (*jornalista, ex-editora da Folha de São Paulo*). Eu falei pra ela: “Fernanda, eu quero ir, eu já fui, eu já

Ana Maria e David fizeram uma pré-entrevista com Kamila que teve mais de uma hora e meia de duração, quase o mesmo tempo destinado à entrevista para sair na revista (duas horas).

Enquanto pesquisavam informações sobre Kamila na Internet, Ana Maria e David encontraram várias fotos de Kamila quando criança no perfil do Facebook de Karolina, a irmã dela.

Ana Maria e David também planejaram entrevistar Ana Clara, filha mais velha de Kamila. No entanto, não conseguiram marcar a entrevista. Kamila até comentou algo que Ana Clara poderia dizer: "Ela vai dizer que eu brigo muito com ela".

"Uma coisa que eu acho importante: abrir portas. Porque às vezes você tá num ambiente, num campo que não te faz mais feliz."

conheço. Conheço todo mundo lá, vou me adaptar superbem. Me deixa ir, me deixa ir!" (*fala muito empolgada*). E ela me deixou ir. Geralmente se abre uma seleção pra isso, mas nem abriram, e eu vim direto.

Breno – Kamila, o Erick Guimarães (*jornalista e diretor-adjunto do jornal O Povo*) disse que você, quando chegou a trabalhar no *O Povo*, era uma mulher de fora, mas já chegou como (*se fosse*) cearense. E o Guálter George (*jornalista e chefe do núcleo de Conjuntura do jornal O Povo*), disse que você tinha uma capacidade de adaptação muito grande. Como foi chegar ao Ceará, interessada por jornalismo político, e se adaptar a esse ambiente?

Kamila – Eu nem *tava* interessada tanto em jornalismo político na época. O Ceará é que me levou a me interessar pelo jornalismo político, por incrível que pareça. Na época, quando eu cheguei em 2000, tinha aqui dois pré-candidatos a Presidente: Tasso Jereissati (*político cearense filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB*) e Ciro Gomes (*advogado e político filiado ao Partido Republicano da Ordem Social – PROS*), e foi essa a recomendação que eu recebi: "Fique de olho nesses dois". E eu foquei nisso a partir de então.

Eu não sabia nada da política local. Fui estudar. Eu passei (*no vestibular*) na Universidade Federal do Ceará (UFC) e procurei aproveitar o curso pra isso também. Então eu fiz uma disciplina nas Ciências Sociais sobre a política cearense. A disciplina era bem específica, dos Accioli (*A partir do governo de Antônio Pinto Nogueira Accioli, de 1896 até 1912*) até o Tasso (*Primeiro mandato de governador, de 1987 a 1991*). Comprei o livro do professor e fui pra disciplina.

Na faculdade (*de Jornalismo*), eu já tinha filha recém-nascida. Minha filha nasceu em abril de 2001 e eu comecei a faculdade em junho, julho. Ela era pequena e eu trabalhava, então eu só ia pra faculdade para assistir aula. Mas minimamente fiquei conhecendo algumas pessoas, fui me aproximando e foi

bem importante... Eu só fui pro *O Povo* em 2009, ou seja, passei um tempão só sendo da *Folha*, mas encontrando as pessoas na rua... Eu encontrei o Erick (*Erick Guimarães*) em cobertura, ele era repórter; conheci o Érico (*Érico Firmo, jornalista e colunista de Política do jornal O Povo*) na faculdade, estudei comigo e se formou comigo; o Guálter (*Guálter George*) eu não conhecia. Foi muito engraçado porque, em 2009 – aliás, final de 2008 –, eu soube que ia acabar a sucursal em Fortaleza e eu tinha ainda um período sabático pra tirar que era de três meses de licença. Depois meu chefe me deixou decidir se eu queria ir pra Minas, porque eles estavam apostando no Aécio Neves (*político mineiro filiado ao PSDB*) como candidato a Presidente em 2010, e acabou nem sendo. Também tinha Salvador (*Bahia*). Eram essas duas opções. Eu *tava* fazendo o mestrado aqui, eu tinha minha vida, eu tinha minha filha aqui, enfim, e eu falei: "Meu, eu vou criar problema pra minha vida se me mudar agora e começar tudo de novo. Me deixa quieta aqui mesmo. Valeu, obrigada". (*Eles*) Me demitiram.

No dia seguinte eu mandei um e-mail pra um amigo e falei: "Olha, eu vou ficar desempregada. Se aparecer alguma coisa..." Nesse meio tempo, o Érico me ligou, perguntando se eu não *tava* interessada em trabalhar lá (*no jornal O Povo*), mas era pra ser repórter. O salário... Metade do que eu ganhava. E eu (*pensava*): "Ai meu Deus do céu! O que que eu faço?" Eu tendo filho pra criar e tendo de me virar só, não era uma boa perder renda. Mas eu já ia aceitar e *tava* pensando em alternativas, pegar *freelas* e dar um jeito de ter um complemento. De repente, o Guálter me liga. Ele foi lá na minha casa e não me conhecia. Ele falou: "Tem uma vaga de editor". E eu falei: "Editor? Eu nunca fui editora. Só fui repórter. Não tenho experiência de editora". "Mas a gente conhece seu trabalho, a gente confia e acha que você dá conta. Pode ser?" "Então tá, bora! Vamos lá, eu aprendo". Já melhorava o salário (*risos*). E antes de terminar meu sabático na *Folha* eu comecei lá no *O Povo*. Logo de cara, me deram uma *Páginas Azuis* (*seção de entrevistas do jornal O Povo publicada às segundas-feiras*) pra fazer. E eu: "Ai meu Deus do céu! Estão querendo me explorar". (*gargalhada*) Não era beleza, foi foda! A confiança que o Guálter deu...

Mariângela – (*interrompendo*)... Kamila, como você já mencionou, além de trabalhar, você estudava e tinha a Ana Clara. Como conciliava tudo aquilo e o que a motivava a dar conta de tudo?

Kamila – Eu tenho amigos – amigos não, pessoas que eu conheço – que começaram a trabalhar ainda na faculdade, depois abando-

Na entrevista com o fotógrafo Jarbas Oliveira, ele repetiu várias vezes que Kamila é uma pessoa muito tranquila com quem trabalhar. "Ela é uma pessoa muito leve, muito tranquila, muito dada com as pessoas."

naram a faculdade e conseguiram o registro precário de profissional. Eu não queria isso pra mim. Eu queria ser formada. Eu acho que é importante ter o diploma. Achava que tinha de ser assim.

Quando eu cheguei (*em Fortaleza*), não tinha vaga de transferência, então eu tive de fazer o vestibular e lá na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) eu já *tava* no último ano, faltavam só dois semestres, porém aqui a grade curricular era diferente, então faltava um bocado de coisa pra fazer. Lá na PUC eu não tive acesso a disciplinas muito teóricas, eram mais práticas, voltadas pro mercado, e aqui me deu outra visão.

Mas o que eu fazia: eu levava a Ana Clara pra creche e ia resolver minha vida. O trabalho na *Folha* era principalmente à tarde, justamente no horário da faculdade (*risos*), então eu tentava fazer o máximo que eu podia de disciplinas de manhã e à noite, o que aparecia. Quando eu tinha de fazer à tarde, eu tentava adiantar ao máximo tudo o que eu podia de manhã. No final das aulas, geralmente, eu sentava num canto, finalizava o que precisava, ou então no meio da aula, no intervalo, ligava pra quem tivesse de ligar pra apurar mais alguma coisa, enfim, dava um jeito. À noite – pegava Ana Clara – e lia quando ela dormia. Minha monografia eu fiz assim, de madrugada, e fiz em um semestre só.

Breno – Kamila, na pré-entrevista você falou que a atividade jornalística tem muitos altos e baixos. Em 1998, você chegou a fazer vestibular para Ciências Sociais, na USP, talvez pensando em desistir da atividade jornalística.

No que de fato você se apegou para não desistir da carreira?

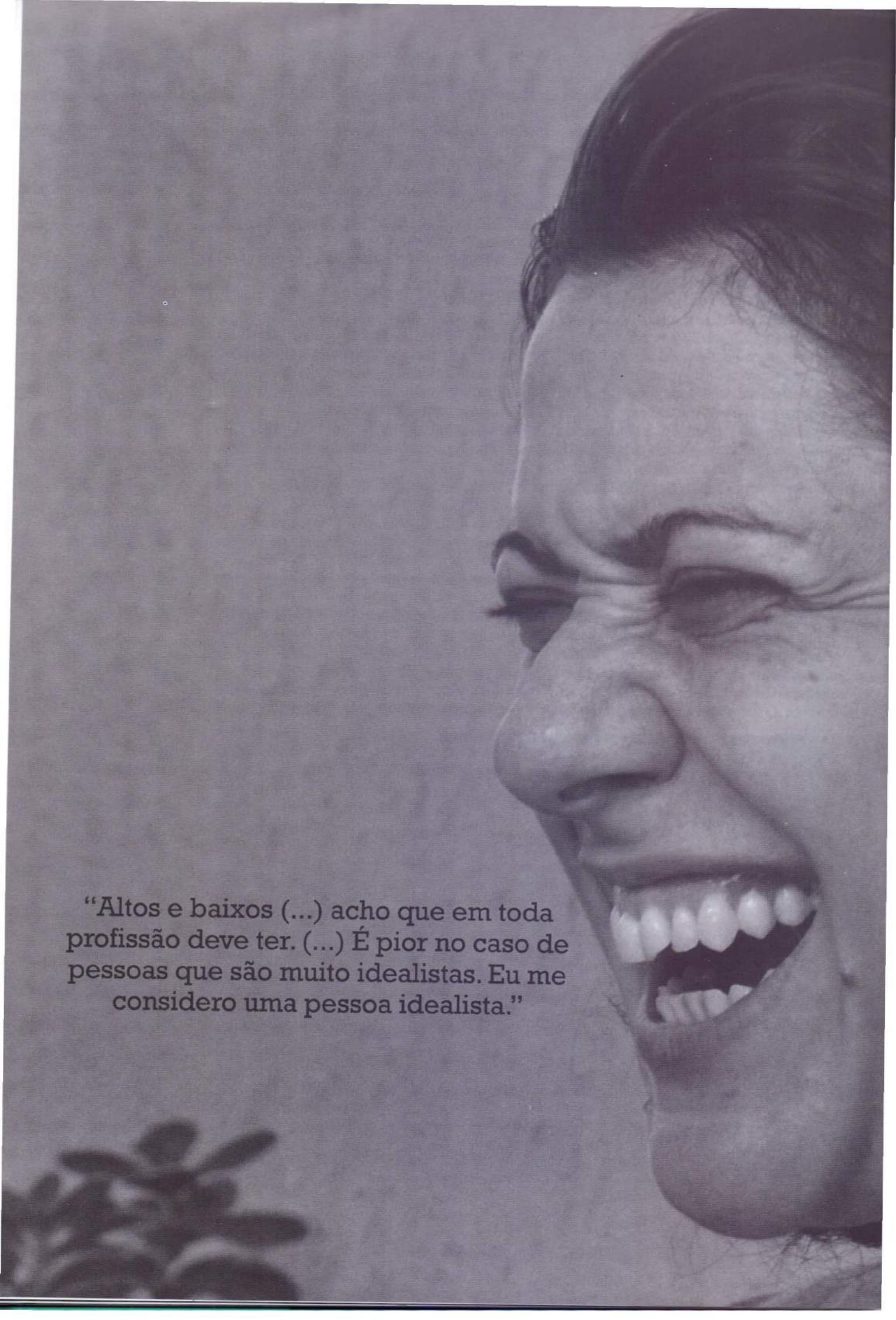
Kamila – Altos e baixos, cara, acho que em toda profissão deve ter. Acho que é natural. É pior no caso de pessoas que são muito idealistas. Eu me considero uma pessoa idealista. Eu ouvia muito, quando eu era mais nova, que isso era coisa de “foca”, coisa de gente inexperiente, mas eu continuo com o mesmo sentimento e acho que não vai passar. Continuo sendo idealista e vou ser “foca” então. Foda-se! Quando as coisas não acontecem da forma como você acha que devem, isso desestimula, bota pra baixo. Por exemplo, cobertura das eleições daqui de 2004, a eleição da Luizianne (*Luizianne Lins, jornalista, ex-prefeita de Fortaleza e política filiada ao Partido dos Trabalhadores – PT*). Cara, eu já tava percebendo na época o potencial da Luizianne, eu percebi a besteira que o Partido dos Trabalhadores (PT) tava fazendo de renegar a candidatura e apoiar o Inácio (*Inácio Arruda, político cearense filiado ao Partido Comunista do Brasil – PC do B*). Sabia o efeito que aquilo ia ter. E eu produzia muita pauta, mandava as sugestões e mandava as matérias.

Mas, no dia seguinte, saía uma lasquinha, uma tripinha, (*índica o tamanho pequeno da matéria com as mãos*) ou não saía. E eu ficava tão chateada com isso. Esse foi o momento de, em muitos dias, acordar e falar: “Não vou mandar nada! Vão se catar”. Mas eu fazia, mesmo assim eu fazia. E houve casos mesmo de não sair nada, mesmo com uma baita de uma apuração boa. Isso na *Folha*, imagina no jornal *O Povo* que tem um “poder de fogo”

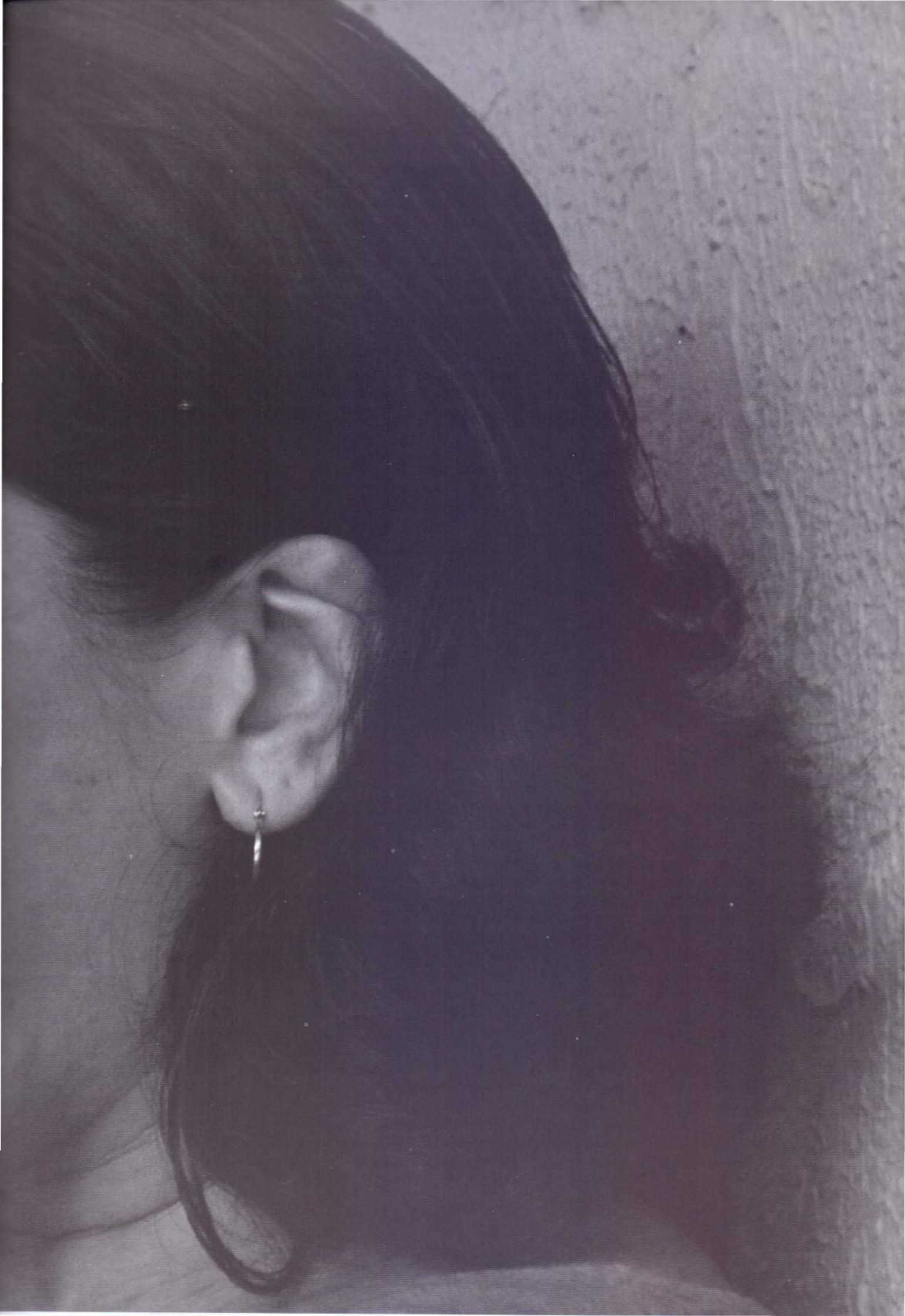
No dia da entrevista, foram necessários três carros para levar todo mundo para a casa da Kamila. Ronaldo Salgado sabia o caminho e foi na frente no carro dele para guiar Ana Maria e Chloé Leurquin (fotógrafa) que dirigiam os outros dois carros.



Havia alguns pontos de engarrafamento no caminho e Ana Maria estava ficando preocupada em chegar atrasada apesar de terem saído com mais de uma hora de antecedência.



“Altos e baixos (...) acho que em toda profissão deve ter. (...) É pior no caso de pessoas que são muito idealistas. Eu me considero uma pessoa idealista.”



Quando já estavam mais perto da casa da Kamila, Ronaldo resolveu parar e perguntar onde ficava a Rua Jatobá, que é a rua onde Kamila mora. Depois de encontrarem o local, Ana Maria observou que haviam chegado adiantados.

menor. Além da falta de reconhecimento, falta de diálogo com o chefe. São vários os momentos de desestímulo. Mas quando algo dá certo, você fica feliz. Você faz (*e fala*): “Cara, que massa! Deu certo. Minha pauta ficou linda! Deu repercussão”. Ainda mais quando é político que fica bravo (*fala empolgada e bate as mãos*). Tá com ódio de mim... É preciso entender que há ciclos e você tem de lidar com isso.

Mas uma coisa que eu acho importante: abrir portas, construir outras saídas também. Porque às vezes você tá num ambiente, num campo que não te faz mais feliz. Eu fui procurar isso na Universidade mesmo. Fiz uma especialização, depois fiz um mestrado, enfim, fui buscando essas saídas. Se você não abre essas portas, você não tem pra onde correr. Você vai fazer o que depois? Tem de buscar caminhos, nem que seja se especializando. Buscar melhorar, se capacitar pra não ficar preso num canto.

David – Conversando com o Jarbas Oliveira (*fotógrafo*), ele comentou da tua segurança, mesmo sendo uma “repórter precoce”. De onde vinha essa segurança?

Kamila – Eu acho que é da formação

mila imita o Ciro Gomes falando). (*E eu falava*) “Como ‘não fala com a Folha’? Fale com os outros que eu pego dos outros e vou fazer do mesmo jeito” (*Kamila fala mais alto*). Eu briguei com ele, briguei com o Cid (*Cid Gomes, político cearense e governador do Estado no período 2006-2014*). Enfim, você briga, mas você cumpre seu papel. Então tem de botar isto na cabeça: o jornalista acaba tendo de lidar muito de perto com esses outros campos que são muito encantadores, muito sedutores. Quando você trata com política é tudo muito encantador. Chega num ponto que a sua vida fica pública, quase. Pública na boca dos políticos. Mas é preciso saber separar as coisas. Faz parte do trabalho, às vezes, almoçar com esses caras, ir às festas, entrevistar esses caras o tempo todo, ter o celular deles... Mas você não é amigo deles.

Jadiel – Sobre a postura do jornalista, tendo em vista a diferença em fazer uma entrevista em profundidade e uma entrevista como colunista, como que deve ser tal postura?

Kamila – Começa se preparando bem, tem de saber o que você vai perguntar. Isso é fundamental. Você tem de estar dominando o assunto e entender o contexto em que as coisas

“Tem que buscar caminhos, nem que seja se especializando. Buscar melhorar, se capacitar pra não ficar preso num canto.”

mesmo, dessa visão crítica que eu fui tendo e construindo. Era bem fácil, bem fácil mesmo ficar deslumbrada. Você chega num canto onde todos os políticos conhecem o seu nome e vinham falar comigo. Quando minha filha nasceu, o assessor do Tasso mandou um presentinho. Logo na primeira cobertura eleitoral – não esqueço –, em 2000, da Patrícia Gomes (*política cearense, ex-esposa de Ciro Gomes*) – que virou Saboya, mas na época era Gomes – lá no comitê dela, cobrindo, com todos os jornalistas, vem o Ciro pra falar comigo. Dar informações exclusivas às vezes. Mas foi essa coisa da formação que me ajudou a perceber que só tinha esse tipo de tratamento pela posição que eu estava ocupando, pela função que eu estava cumprindo. Não era algo por causa da minha pessoa, da minha lindeza, não. Eu sempre fiquei com o pé no chão por causa disso. Foi muito bom, porque no momento que eu tinha de ir pra cima, eu ia, sem medo, sem (*pensar*) “Ai! Vou perder a fonte”. Não! Eu estava cumprindo meu papel.

Da mesma forma que eu podia ser adúltera, eles podiam ficar putos. O Ciro em outros momentos (*dizia*): “Não falo com a Folha” (*Ka-*

acontecem. Principalmente nesse caso dos políticos. É bem facinho eles o desmontarem se você não tiver seguro com a sua pergunta. E tem de buscar desde jovem, se especializar e estudar. Você tem de ler o jornal todo, saber o que tá acontecendo no geral.

A segunda coisa é ter muita clareza do seu papel. Qual é o objetivo da sua pauta, o que você vai buscar. Quando eu era da *Folha*, geralmente, ia a entrevistas coletivas com um objetivo. A partir dali eu já traçava minha estratégia (*risos*), então, “eu vou deixar essa pergunta muito ruim mais pro final pra eu não atrapalhar muito a coletiva”, mas eu não deixava de fazer. Quando eu ia numa entrevista sozinha era a mesma coisa. Se você tivesse a chance hoje de fazer uma entrevista com o Paulo Roberto Costa (*engenheiro e ex-diretor da Petrobras*), o cara da Petrobras que tá delatando todo mundo (*Kamila se refere à operação Lava Jato da Polícia Federal que desmontou, no começo de 2014, um esquema de lavagem de dinheiro que, segundo a PF, movimentou cerca de R\$ 10 bilhões. Paulo Roberto Costa é um dos envolvidos no esquema*), o que você vai perguntar pra ele? (*faz*

A casa vizinha à de Kamila estava em obras e ela ficou preocupada que isso pudesse atrapalhar a entrevista. Apesar do pouco barulho da obra, a entrevista aconteceu tranquilamente.

uma pausa) Tem de saber (*risos*). É a pergunta que vai lhe dar a maior informação, o “furo” (*termo usado que significa notícia divulgada em um veículo antes dos demais publicarem*), uma coisa que ninguém sabe, que não saiu em canto nenhum.

O que eu aprendi muito na *Folha* e foi muito importante: a postura crítica. Você ser mala, você ser ruim, “cri cri”, você ir ali no calo. Não é por nada não, mas é o papel do jornalismo. Não é alisar não, não é passar a mão na cabeçinha não, principalmente quando é ente ou órgão público, quando é um gestor. Você tem de ir no problema. Quando não tem o problema, dificilmente tem a pauta. Pra falar de coisa boa é muito difícil, às vezes. O pessoal até reclama: “Ah, jornalismo é muito negativo, né?” Mas infelizmente nós somos esses vigilantes do poder público, nós fazemos essa vigilância.

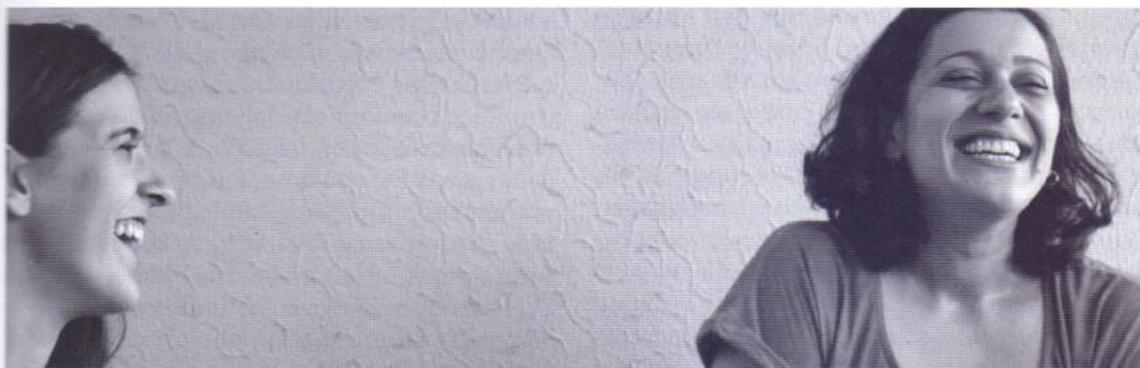
Drielle – Kamila, na pré-entrevista você disse: “Sou muito bocuda” e, por ser jornalista de política, com certeza já deve ter tido alguma situação complicada. Qual a situação mais complicada e constrangedora que

fez num clube. *Tava* eu, o Jarbinhas (*Jarbas Oliveira*) e o motorista da locadora.

Eu sei que fui entrevistar o prefeito, *tava* com o gravador na mão, já tinha feito toda a apuração e ele – (*era um homem*) bem baixinho – começou a responder, mas depois parou e os jagunços dele ao redor começaram (*a falar*): “Prefeito, não responda não. Essa imprensa é comprada, golpista” (*fala gritando*). Aí de repente o prefeito sumiu e eu comecei a sentir os caras me xingando, me cercando e me empurrando. “Mentirosa! Jornalista comprada!”. E eu xingando: “Bando de covardes!” (*fala gritando e começa a rir em seguida*). E o Jarbinhas atrás de mim: “Vambora!” (*todos riem*) “Vambora senão a gente vai apanhar!” E eu comecei a xingar: “Seus bando de filho da puta!”

A gente saiu de lá e foi pra Câmara de Vereadores. Comecei a ligar pra tudo quanto era gente que eu conhecia no governo. Liguei pro assessor do Lúcio, que na época era o Edvaldo Filho (*jornalista cearense*) e falei: “Edvaldo, eu não quero nem saber, se vire aí, eu quero

Essa foi a primeira vez em que Kamila esteve na posição de entrevistada. Ela sempre entrevistou pessoas. Por conta disso, antes do início da entrevista ela contou que estava muito nervosa.



aconteceu com você?

Kamila – Eu tive algumas (*Kamila ri e todos riem. Nesse momento, Kamila olha pro Ronaldo e continua rindo*). Uma vez quase apanhei lá em Santana do Acaraú (*município do interior cearense localizado a 228 km de Fortaleza*). Eu fui fazer apuração de várias denúncias de corrupção levantadas pela Controladoria Geral da União (CGU). O prefeito na época *tava* se filiando ao PSDB, mas eu fui lá fazer a apuração dos desvios, escutar o “outro lado”, coisa que todo mundo tem a obrigação de fazer. No dia, *tava* acontecendo a filiação do prefeito. *Tava* toda a raça de tucano – o Tasso, o Lúcio (*Lúcio Alcântara. Governador do Ceará entre 2003 e 2007*), o Luiz Pontes. (*Um deles pergunta*) “O que você tá fazendo aqui?” E eu: “Tô aqui pra apurar esse monte de corrupção relacionada ao prefeito. Vocês não estão sabendo?” (*Um deles responde*) “Não, não”. E o Tasso: “Luiz Pontes, veja aí, veja aí” (*fala como se fosse o Tasso*). O Lúcio era o governador na época, o Tasso era senador. Eles foram embora e o prefeito ficou lá. Era uma

proteção pra sair dessa cidade, senão eu vou morrer aqui. Eles podem me matar!” (*O Edvaldo disse*) “Não, não vai acontecer nada não...” (*Kamila fala*) “Não vai acontecer nada o quê?!” (*risos*). Essa foi uma.

A outra... Com o *Ciro* mesmo. O *Ciro* uma vez – teve duas que eu lembro – ele *tava* dando uma entrevista e eu cheguei meio atrasada. Ele *tava* dando entrevista pra vários colegas no Centro de Eventos do Ceará. Eu fiz uma pergunta e ele falou: “Eu não falo pra *Folha*”. E eu falei: “Como é que não fala pra *Folha*? Você não está falando só pra mim, aqui é uma coletiva, você não tá percebendo?” (*Ciro fala*) “Eu não falo com a *Folha*. *Folha* golpista”. Aí eu comecei a bater boca com ele: “Tudo bem. Então não fale com a *Folha*”. Passei as perguntas pra uma colega e na saída eu fiquei batendo boca com o Egídio Serpa (*jornalista do Diário do Nordeste*), que era o assessor dele.

Em outro momento o *Ciro* foi a um evento onde *tava* o Aécio, em uma palestra sobre economia. Na saída, eu perguntei alguma coi-

Assim que todos entraram na casa, apareceu a cachorrinha de estimação da filha de Kamila, Ana Clara. O nome da cachorrinha é Maggie Lovato. O sobrenome “Lovato” é em homenagem à cantora *pop* dos Estados Unidos Demi Lovato.

Todos ficaram encantados com a doçura de Maggie, em especial Amanda Matos, que comentou que iria levar a cachorrinha para casa dentro da bolsa dela.

sa para o Ciro, questionando a fala dele. Ele disse: "Essa imprensa do Sul é boca de uma orelha só..." Me esculhambou. *(Kamila fala)* "O senhor está negando o que disse? Eu só repeti o que o senhor disse!" Mas o bicho é tão bipolar *(risos)* que depois, enquanto eu tava entrevistando o Aécio, o Ciro veio *(e disse)*: "Não ficou brava comigo, né?" *(Kamila fala)* "Mas o senhor fica me xingando!" *(risos)* Às vezes eu sou muito esquentada, não me seguro. Mas eu tento me basear em argumentos racionais, minimamente *(risos)*. Tento ser a dona da verdade. E nunca deu problema depois disso. O único que realmente me odeia é o Cid por causa do caso do voo da sogra *(episódio em que Cid Gomes deu carona em um jatinho pago com dinheiro público para a sogra viajar a Europa, em 2008)*. É uma coisa que você não pode fazer, entendeu? Foi um escândalo levantado a partir do Heitor Ferrer *(Deputado Estadual cearense filiado ao PDT)* e depois saiu no *Jornal Nacional*. Eu dei a notícia também. Logo no dia seguinte saiu na *Folha*, e todo mundo estava dando. Mas a imprensa local deu a notícia superpequena, com medo do Cid. O *Jornal Nacional* é que deu a notícia de maneira maior, em um primeiro momento. Nisso o Cid passou uns dois ou três dias sem falar, sem responder nada. Então, ele marcou uma data para dar uma declaração na Assembleia Legislativa do Ceará. Ele ia chegar lá, ler uma carta e ir embora. Quando ele acabou, eu fiquei bem posicionada e comecei a perguntar. Comecei a perguntar, comecei a perguntar... Ainda surgiu o Cláudio Teran e o Carlos Silva, dois *(jornalistas)* de rádio que começaram a fazer mais perguntas também. Mas de resto, todo mundo *(ficou)* calado. Então tem

"Foi essa coisa da (minha) formação que me ajudou a perceber que só tinha esse tipo de tratamento pela posição que eu estava ocupando."

de perguntar, não ter medo. Porque o Cid começou sendo machão, mas depois começou a ter de reconhecer que não podia fazer aquilo. Assim, ele não reconheceu. Mas começou a ter de baixar um pouco a bola. Mas esse povo é escroto. Eles querem te desmoralizar também. "Se você tivesse aqui na Assembleia e o Louro Maia *(filho do jornalista Fernando Maia, sempre presente na Assembleia)* pedisse uma carona para você, você não daria?" *(imitando o Ciro Gomes falando)*. Eu disse: "Pera aí, Governador, o senhor está falando de duas coisas diferentes. Quantos cearenses tem a chance de ir para a Europa uma vez na vida e de jatinho então?" *(Cid responde)*: "Ah, é que tinha uma vaga no avião e eu achava que não tinha nada demais". Não pode! É dinheiro público! Por mais que não fosse gerar outro gasto, ele não podia fazer isso. Não podia. Não é assim, faz o que quiser. Mas ele se acha dono do Estado. Então, começou uma discussão foda. Foi

Enquanto todos se acomodavam nas cadeiras, Maggie ficava caminhando e chamando a atenção. Por várias vezes, ela se deitou de barriga para cima e ficou recebendo carinho dos alunos na barriga.





pancada aquele dia. Ele me odeia por causa disso, acho.

Nathanael – Kamila, você sempre teve essa postura de ser uma jornalista “cricri”. Você acredita que o Ceará é carente de jornalistas desse perfil?

Kamila – Não é carente. O pessoal daqui, por causa da situação das empresas, às vezes tem muitos vínculos com o poder, por necessidade mesmo ou por interesses outros. Mas o pessoal fica com medo e aí se reprime. Há uma autocensura e não chega aonde tem de chegar. Como eu falava para os meus repórteres lá no *O Povo*: “Meu, faça as perguntas. Se não puder sair, não vai sair, tudo bem. Mas faça. Não se censure. Faça”. Porque na *Folha* mesmo tinham histórias do Serra e do Paulo Maluf (*político, engenheiro e empresário brasileiro*) ligarem e pedirem cabeça. E que eu saiba ninguém caiu por causa disso, entendeu? No *O Povo* também acontece de pedirem cabeça. Eu não sei se a minha cabeça foi pedida lá. Mas eles não vão demitir por causa de uma crítica bem embasada, bem apurada, um material bem feito... No máximo você vai ser alertado para não mexer mais naquele assunto. Mas eu acho que não pode ter autocensura. Tem de perguntar o que tem de ser perguntado. Às vezes os repórteres perguntam: “Eu gostaria que o senhor falasse do projeto”. Também por pouco estudo das pautas. Não estudam, não leem. Às vezes o repórter tem de fazer muitas matérias e o trabalho fica precarizado.

São essas duas coisas que eu acho. O medo e às vezes a falta de tempo, a falta de interesse por estudar um pouco mais aquele assunto para chegar com perguntas mais bem

formuladas. Mas tem gente boa também. Eu acho que o Erick Guimarães era um ótimo repórter. Ele era “cricri”, era mala, bem chato mesmo (*risos*). Pena que ele virou editor. Pena não, que bom! Tem a questão salarial também e infelizmente é um fato. A pessoa é um ótimo repórter, mas para melhorar o salário tem de virar editor. Infelizmente.

David – Na pré-entrevista você falou que às vezes fazia algumas críticas nas colunas (*Kamila foi colunista de Política no jornal O Povo*) que sabia que não iriam sair. O que fazia você acreditar que essas críticas não iriam ser publicadas?

Kamila – As relações aqui são muito assim. Como que fala? Bate e assopra, né? Então, tem uma época de bater e outra época de não bater. Tem ciclos. O jornal *O Povo* foi o mesmo que denunciou o escândalo dos banheiros (*desvio de verbas do Governo do Estado do Ceará para a construção de kits sanitários, em 2011*). Quando aconteceu isso eu não estava mais lá, mas eu vibrei. “Caramba, que massa!

“O jornalista acaba tendo de lidar muito de perto com esses outros campos que são muito encantadores, muito sedutores.”

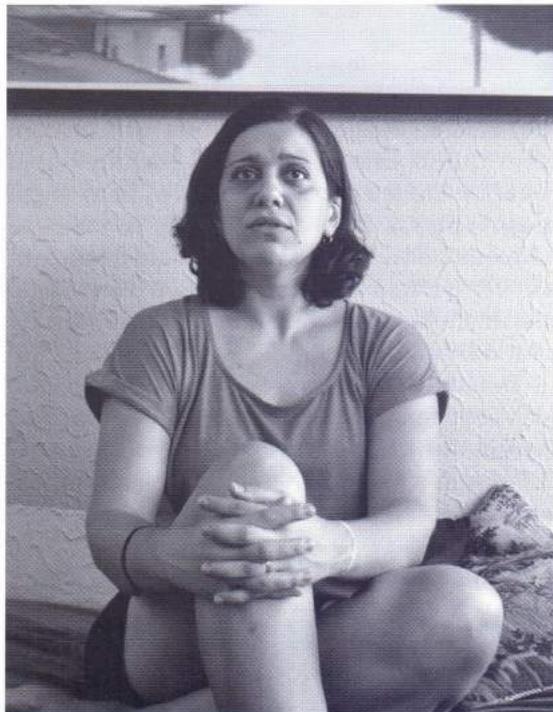
Após a entrevista ter começado, Maggie andava e de vez em quando ficava em pé, colocando as patas dianteiras na perna de Ana Maria, Amanda, Mariângela ou Drielle.

As cadeiras e o tablado onde Kamila sentou estavam dispostos circularmente no terraço da casa. No fim da entrevista, Maggie deitou no meio do círculo “observando” a entrevista.

Quando perguntada sobre a relação com a irmã, Karolina, Kamila se emocionou um pouco e sorriu alto ao mesmo tempo enquanto falava os apelidos pelos quais chamava a irmã.

Que escândalo foi esse? É um espetáculo!" Muito bem apurado. Mas outras histórias de peso, com potencial tão grande quanto, não saíram por conta dessas relações. O jornal tem de sobreviver, infelizmente essa é a realidade. Mas o que eu fazia? Eu me comportava como colunista assim como eu me comportava como repórter. Não me censurava.

Teve uma censura que eu fiquei bem chateadinha. Logo depois do voo da sogra, teve o voo da primeira-dama para a Europa. Foi também um escândalo que algum jornal (*de âmbito*) nacional publicou. Ela voou de primeira-classe, junto com uma assessora, que viajou na classe econômica. E aí o gasto foi três vezes maior, só com passagem, para a bichinha não ficar tortinha na cadeira (*risos*). Saiu essa história e depois disso, fazendo as minhas vasculhas no Diário Oficial da União (DOU), eu



verifiquei que ela tinha voltado a viajar para a Europa, mas dessa vez de classe econômica. E eu coloquei isso na coluna. Era uma notinha, bem pequenininha. Mas meu, censuraram a coluna! E eu: "Oh meu Deus, eu estou só fazendo uma referência boa, positiva!" (*risos*). (*Elas disseram:*) "Entende só, o jornal está em um momento de negociação com o Governo... Semana que vem, sai! Tá bom?" Aí eu botei de novo, na semana seguinte! (*risos*). E então, de novo: "Kamila, tira, não vai sair essa nota. Tira essa nota". (*Kamila questiona:*) "Mas por quê?" "Não vai sair, tira!" Mas eu não me censuro. Falei de tudo que eu achava que tinha de falar. A maioria das colunas saiu sem problemas. Eu acho que a postura é essa. Quem tem de cortar não sou eu, é o editor. Ele que decide lá.

O bom humor de Kamila ficou presente durante toda a entrevista. Em vários momentos ela sorriu e soltou uma gargalhada bem alta, que é quase uma marca registrada dela.

Mariângela – Kamila, o núcleo de política do *O Povo* era um local muito masculino. Que desafios e dificuldades você encontrava por ser mulher naquele local?

Kamila – Eu fui a primeira a assinar a coluna política. Era a única editora mulher e depois que eu saí continuou sendo só homem. A gente tem essa dificuldade no jornalismo de um modo geral. As mulheres ainda são maioria nas redações, mas são minoria em cargos de chefia, em cargos de comando. Lá no *O Povo* ainda tem as chefes. Tem a Fatinha (*Fátima Sudário, ex-diretora-executiva do Jornal O Povo*) e a Ana Naddaf (*atual diretora-executiva do Jornal O Povo*). Você ainda tem alguns setores com mulheres chefiando. Mas é minoria perto dos homens. A gente tem de superar isso com postura, de lidar de igual para igual, não ter medo. Ficar se embrenhando nas histórias mais difíceis, sabe? Eu acho que esse lance de ser "bocuda", ser atrevida, ser meio rebelde, ajuda nesse aspecto porque as pessoas res-

"O que eu aprendi muito na Folha e foi muito importante: a postura crítica. Você ser mala, você ser ruim, "cri cri" (...) é o papel do jornalismo."

peitam. Mas não é rebeldia sem causa. Não é tipo: "Não vou fazer isso!" (*grita*). É fazer. Você faz mas tenta subverter um pouquinho ali, um pouquinho aqui. Fazer de um jeito que coloque o seu ponto de vista. Porque depois, para desfazerem, é mais difícil. E, se num embate com a chefia você acha que está certo, não baixe a cabeça. Mantenha a sua postura, mantenha a sua posição.

Já bati de frente com a Fatinha (*Fátima Sudário*) em algumas situações por não concordar com o posicionamento dela. Muita gente não faz isso, mas tem quem faça. E todos que faziam eram respeitados por ela. Por quê? Porque você está se colocando no mesmo nível. A partir daí você é visto como alguém capaz de estar liderando também, alguém em quem se pode confiar. Se acha que algo está errado, você fala. Essa postura é importante. A subserviência só leva pra baixo. Eu acho que ter chegado a postos de chefia me fez ver que

esse aspecto é superimportante. Tudo bem, é um cargo de confiança e eu tenho de respeitar as regras e uma decisão editorial, por exemplo. Mas eu posso questionar. Eu posso falar que não concordo. O Jocélio Leal, que foi meu último chefe no *O Povo*, ele... Mais capitalista que ele, não existe! Ele vinha passando umas pautas pró-empresa, pró-empresa... E cadê o social? Cadê o meio-ambiente? E eu dizia: "Cara, eu discordo". E ele: "É, já vem você de novo dizer que discorda". "É, discordo mesmo. Isso aqui não tá legal. A gente tem de fazer por um caminho diferente". E aí consegui algumas coisas.

Lá a gente emplacou pauta sobre (*as obras do*) Centro de Eventos que dificilmente sairia não fosse uma insistência, uma chatice minha. Era uma (*matéria*) sobre o aumento do custo do Centro de Eventos. A gente verificou que a



obra foi feita em um prazo curtíssimo e não tinha motivo para aumentar os gastos. Mas tanto aumentou quanto não foi feito tudo o que tinha sido prometido. A fachada era outra, não era aquela coisa horrorosa. Era meio matéria-denúncia, com viés crítico. As histórias do aquário... Nossa! O Jocélio odeia o pessoal do "Quem Dera Ser Um Peixe" (*movimento contra obra de aquário oceânico em Fortaleza*) e eu propondo pauta de aquário (*risos*). Ele me odiando por causa disso, mas ao mesmo tempo gostando, pois tinha alguém ali para discutir, para confrontar, para questionar. Mas, enfim, chegava num meio termo. Entravam algumas matérias contra o aquário, outras a favor. Mesclavam.

David – Kamila, em relação aos políticos, existia alguma visão estigmatizada por você

ser uma mulher cobrindo política?

Kamila – As coisas que eu fiquei sabendo, né? Estigmatizado não, mas o que acontece no mundo da política... É um mundo masculino pra caramba e um mundo de poder. Um mundo onde esses caras acham que podem tudo. Então, imaginem uma repórter paulistinha com 21 anos chegando num ambiente totalmente novo. Logo de cara já me vieram histórias de que fulaninho falou que tinha saído comigo. Às vezes eu também percebia. Eu não vou falar os nomes porque não interessa e eu nunca cheguei para eles para falar, porque se eu tivesse me dirigido a eles... Mas eles faziam uns "óião" pra cima de mim. Me poupe, né? E você fica sabendo lá dentro, talvez fosse mentira, sobre histórias de repórteres que saíam com políticos. As histórias são amplas e se multiplicam. Isso vai de ano a ano, político



a político. Eu acho que tudo é questão da postura. Você não pode se misturar, nem misturar as coisas. Não pode, não pode, não pode... É não achar que você é amiguinha do cara, que o cara é legal... "Ah, vou me aproximar para conseguir mais informações", tipo *House of Cards* (*série norte americana de drama político*) (*risos*). Não, eu não fazia isso. Depois esse primeiro momento acaba e vão lhe tratar normal. Você já tem um respeito.

David – Existe muita pressão de vários lados nesse campo da política. Houve algum momento em que você percebeu essa pressão de maneira mais direta?

Kamila – Tem uma história que eu queria contar. É um registro, é importante. Eu tenho um amigo que tem essa interface com as pessoas do governo. Ele me falou que algumas

Um desses momentos foi quando ela comentou sobre a morte de Tancredo Neves. Ela falou aos risos para os entrevistadores: "Vocês nem imaginam (o que foi aquilo). Vocês não eram nem embrião de bebês (risos)".

A monografia de Kamila tratou da ascensão e queda de Roseana Sarney como pré-candidata à Presidência nas eleições de 2002 a partir da análise do discurso dos jornais *O Globo* e *O Estado de São Paulo*.

Sobre o período de produção da monografia, Kamila contou aos risos: "Fiz em um semestre só. Vocês têm a moleza de fazer em dois, eu fiz em um semestre só".



questões das minhas colunas estavam incomodando "lá". Mas, enfim, foda-se, né? Tô nem aí. Mas também não era nada demais. Eram só umas análises, entendeu? Não eram denúncias. Teve um dia que o Arialdo Pinho (chefe da Casa Civil do Governo do Estado do Ceará) chamou pessoas do jornal para um jantar na casa dele. Dando nomes: o Guálter George, o Cláudio Riberio, eu, o Fábio Campos... A gente até teve de fechar mais cedo o jornal para ir pra lá. Tudo bem que às vezes acontece de os políticos quererem se aproximar e isso já tinha me acontecido. Mas achei muito estranho ele ter chamado o grupo do *O Povo* para a casa dele. E estávamos lá, conversando. De repente ele pergunta: "O que vocês acham dos carros da polícia, das Hilux?" Parte começou a falar bem, parte começou a falar mal. E eu soltei: "Eu só não concordo como acho que seja desnecessário que toda a polícia esteja equipada com Hilux. É mais estético que efetivo, porque você tá gastando muito dinhei-

"O pessoal daqui (...) às vezes tem muitos vínculos com o poder, por necessidade mesmo ou por interesses outros. (...) Há uma autocensura."

Após 40 minutos de entrevista, Ronaldo interveio e comentou com os alunos que retomassem a ordem da pauta para dar mais fluidez na entrevista e facilitar o processo de edição.

ro para um carro que vai acabar". E tá acabando, os da primeira e da segunda leva já foram, né? Enfim, eu dei a minha opinião. "Eu acho que o gasto com manutenção é excessivo e beneficia uma empresa específica." (Arialdo fala) "Mas não se preocupa não, você vai ver. Agora não é só Hilux, vão ter os Trollers também e eles vão ficar lindos com as cores do Governo, circulando pelas dunas. Lindos!" E eu falei: "As Hilux já não eram pra andar em duna? Por que agora vai ter de comprar Troller? Qual o sentido disso?"

Depois disso, esse meu amigo que tem essa interface falou que o jantar tinha sido para me... Enquadrar! Aí eu: "Tá falando sério? Não tem sentido isso. Pra me enquadrar?" Ele disse: "É, pra te deixar com algum temor. Para você saber que eles estão acompanhando e não estão gostando". A coisa estranha é que poucos meses depois eu saí da política e fui para a televisão. Foi muito estranho esse movimento para mim pois eu não era da televisão, não era algo que... Sei lá. Mas ao mesmo tempo eu recebi como um presente, como algo bom. Mas eu desconfio que tenham me tirado para me controlar mais, sabe? Para fazer uma coisa que não fosse focada em política. As coisas ali acontecem de uma forma que não chega tudo pra gente, não dá pra saber. Então, é uma desconfiança.

Hélio – Hoje, levando em consideração toda a sua bagagem, tanto como profissional ativa no jornalismo quanto como professora, como você analisa o cenário de jornalismo político aqui no Ceará?

Kamila – A gente tem um problema muito sério em uma editoria de política do jornal *Diário do Nordeste*, que impede que o jornal se desenvolva e tenha um perfil mais com-

“A gente tem essa dificuldade no jornalismo de um modo geral. As mulheres ainda são maioria nas redações, mas são minoria em cargos de chefia.”

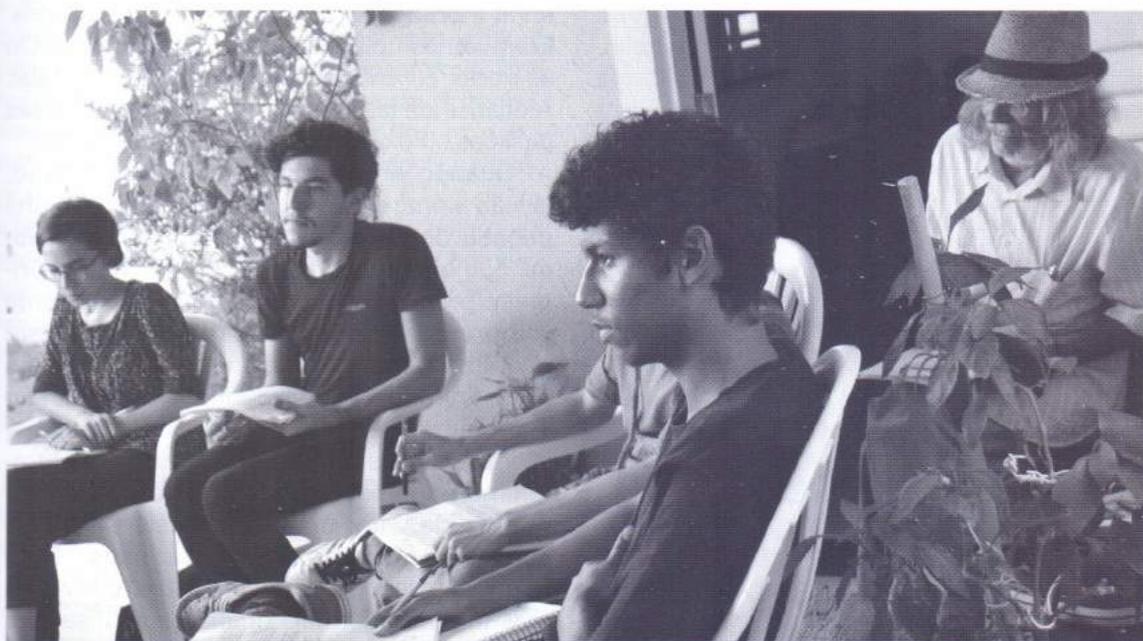
petitivo em relação ao *O Povo*. Eu faço essa análise do jornalismo impresso, pra começar. É realmente uma limitação. Talvez mude. Espero que mude. Mas o jornal *O Povo* consegue em muitos momentos realizar um bom jornalismo político. Realmente faz a diferença e tem um papel superimportante. Também tem suas limitações. Você tem uma demanda que ele não vai suprir. As televisões também não são fortes nessa área. As emissoras que têm um pouco de política acabam evitando as polêmicas. Fazem de conta que as coisas não existem, que não acontecem e fica por isso mesmo. Só quando tem uma matéria nacional é que sai alguma coisa aqui, no local. Eu acho muito estranho isso. Não gosto disso. É desnecessário esse medo. *A Jangadeiro* entra nessa, mas com um viés muito pró-Tasso, né? Você assiste e já sabe que ele vai falar mal de quem estiver contra ele. Não importa o motivo. Isso é muito triste, né? E na internet a gen-

te tem algumas coisas que acontecem, mas é muito “copiar e colar”. Tá faltando um pouquinho dessa análise, né? Hoje o principal analista político do Ceará é sem dúvida o Érico Firmo (*jornalista do O Povo*). E o Fábio Campos (*jornalista do O Povo*) continua sendo importante também. Acho que tem a relevância dele. Mas é pouco. Poderia ter mais gente trabalhando e fazendo a diferença nessa área. Acho que precisa. Precisa porque a gente tem aqui uma complexidade muito interessante. E tem leituras novas que não estão sendo feitas, que eu estou sentindo falta. Essa relação mesmo do Roberto Cláudio com os outros partidos... Em um nível local, na época do Juraci Magalhães (*ex-prefeito de Fortaleza, entre 1990 – 1993, e 1997 – 2005*), eu conseguia fazer essa leitura. Agora, na era do Roberto Cláudio, eu não tenho essa leitura clara. O próprio governador (*Cid Gomes*), com esse rompimento com o PT da Luizianne, mas com uma aproximação com um outro PT, e o rompimento com o PMDB... Isso, de certa forma, o Érico trabalha, mas poderia ser melhor. Tem de ser mais esmiuçado. Eu não sei até que ponto isso vai.

Hélio – Você acha que existe algum veículo de outro lugar ou estado que execute esse tipo de atividade melhor do que a gente? Algum modelo melhor?

Kamila – O problema é que a nossa imprensa é muito contaminada por interesses de um viés político. É um olhar muito pequenoburguês. Muito neoliberal. A cobertura fica muito contaminada. Acaba que se define o que é o certo e o errado, o que é o bom e o que é o mal e pronto, navegam nessa área. Infelizmente as nossas revistas estão com isso, até de uma forma criminosa. (*Elas*) se vendem mesmo. Eu acho que os jornais impressos não se vendem, mas têm essa contaminação mui-

Kamila e o marido brincam com os filhos, veem televisão e desenhos animados para não falarem só de jornalismo. “É um negócio que vai te abduzindo, parece que você tá em um universo paralelo, o universo dos jornalistas”.



Com a entrevista finalizada, Ana Maria agradeceu Kamila por ter aceitado o convite e pela entrevista. Kamila, surpresa, perguntou aos risos: “E tem quem recuse um convite desses? O pessoal deve estar é pedindo pra ser entrevistado.”

Na foto final da entrevista, uma personagem importante da entrevista também aparece: Maggie. Amanda e Ana Maria fizeram questão que ela também aparecesse na foto.



to forte. Eu gosto da *Folha* como jornal que é atrevido, mas é pequeno-burguês. É capitalista, neoliberal. Por ele tudo seria privatizado. Enfim, você tem um olhar claro em relação à isso. Não tem um pensamento social muito forte. Eles odeiam o MST (*Movimento dos Trabalhadores Sem Terra*). Odeiam índio. Tem alguns setores que os chefes odeiam. Isso eu digo, pois ouvi de chefe ao propor pautas. "Pauta de índio? Ah, eu odeio índio!" (*imitando um dos chefes*). Mas tem algumas figuras que fazem a diferença. Você tem Fernando Canzian, apresentador do *TV Folha*, que tem um olhar crítico e com um viés social muito interessante. Gosto dele. É a qualidade da pessoa que faz a diferença.

Hélio – Como foi esse processo de transição do impresso para a televisão de um modo geral?

Kamila – Foi muito louco! Eu não tive tanto problema, pois eu fui correspondente, então trabalhava com assuntos gerais. Mas com televisão foi totalmente uma novidade. Eu tive de aprender a linguagem da tevê, os jargões, tudo. Aprendi tudo na prática. Foi uma situação muito rica. Deu pra experimentar, pra errar, pra fazer tudo e mais um pouco, coisas

legais, coisas chatas... E eu enxergo que foi o caminho do telejornalismo que me trouxe para a universidade. Foi a luz no fim do túnel (*risos*). O destino costurou pra dar certo, sabe? Eu agradeço demais ao Grupo *O Povo*, uma casa que eu admiro e gosto profundamente. Acolheram-me de uma forma incrível, me deram chances. Confiaram em mim, mesmo quando fui rebelde. Sempre vou me referir a esse grupo com muito carinho, mesmo sabendo dos defeitos e tudo, mas é um grupo que eu admiro muito.

David – Quando houve essa transição do impresso de cobertura política para a televisão de cobertura cultural, você não se sentiu deslocada?

Kamila – Não, eu adorei. Foi uma oxigenação, foi um respiro. Eu comecei substituindo a Isabel Andrade (*jornalista e apresentadora*) no *Viva*, que era um programa cultural. Eu tinha de ser mulherzinha, de estar todo dia com cabelo lindo, toda maquiada, roupa até curta, às vezes... Fora a preocupação com a estética tinha a preocupação com os temas culturais. Eram várias coisas que eu não conhecia. Ou às vezes eu conhecia, mas só de ouvir falar. A chance de fazer essas conversas com essas pessoas... Poxa! Foi espetacular! Eu adorei!

Quando virei editora-chefe de jornalismo, já não tinha essa pegada de cultura. Tinha pegada de cotidiano e um pouco de política, que eu ainda trazia para o estúdio. O primeiro programa foi com a Luizianne. A gente sempre trazia políticos pra falar. De vez em quando também trazia um artista. Fazia um pouquinho dessa frescurinha, que eu não sou contra. Não sou contra essa aproximação do jornalismo com um pouco de entretenimento, uma pegada... Menos séria, menos sisuda. Tirar um pouco dessa sisudez e colocar na televisão uma fluidez mais... Mais informal, mais do cotidiano, mais conversa, mas também de mais opinião e análise. Um programa que tem política mas mistura com

"O que acontece no mundo da política... É um mundo masculino pra caramba. (...) Um mundo onde esses caras acham que podem tudo."

Kamila serviu um lanche para todos após a entrevista. Ela contou que foi convidada para lanchar em várias matérias que fez ao longo da carreira e resolveu fazer o mesmo porque considera um gesto bonito.

“É um olhar muito pequeno-burguês. Muito neoliberal. A cobertura (política) fica muito contaminada.”

um pouco de cultura atrai olhares. Atrai uma pessoa que gosta de cultura, mas, de repente, vai ter acesso a um conteúdo de política. E aquilo de repente vai servir pra ela, vai agregar ao ter acesso a um melhor conteúdo. Isso ainda tem de ser mais bem trabalhado. Não é só uma questão de frescurinha, de dar uma risadinha. Tem de ter conteúdo. E a gente tentou fazer isso e ficou legal. Mas era difícil. A infraestrutura geral era pequeniníssima na *TV O Povo*, mas foi uma escola.

Breno – Kamila, você falou na pré-entrevista que no telejornalismo você encontrou o retorno do público que não existia na mesma dimensão enquanto você trabalhava no jornalismo impresso. Esse foi um fator que motivou você a se adaptar nessa nova área do telejornalismo?

Kamila – É, tudo motivou, eu acho. Essa coisa de aprender alguma coisa nova, né? Mas essa parte do público é muito interessante mesmo. Quando eu fui pra *TV O Povo* eu achava: “Ah, ninguém assiste, né?” (*risos*). Ainda mais o Viva que passava às dez e meia da noite. Mas assistiam. Quando eu passava na rua ou estava em um restaurante, com meu então namorado – que na época eu comecei a namorar o Fábio –, as pessoas vinham falar comigo. Elogiavam e eu achava isso legal. É uma coisa que satisfaz. Você fica: “Poxa, que legal! Estão vendo o que eu estou fazendo. Finalmente alguém está me dando um retorno”. Antes eu só tinha retorno dos políticos, praticamente. Quem lia o jornal... *A Folha*? Políticos! *Jornal O Povo* também... Na coluna eu tinha alguns leitores – como todos os colonistas – que ficam mandando opinião. Repercutia mais que reportagem. Mas me motivou todo essa questão de aprender e estar tendo de lidar com uma linguagem diferente. A fase de adaptação foi difícil!

Hélio – Kamila, a gente falou de seus grandes momentos no jornalismo político. Se você tivesse de elencar o seu grande momento na televisão, qual seria?

Kamila – Sei lá! Agora me pegou... (*pensa um pouco*). Eu gostei de um material que eu fiz... Ainda no Viva mesmo, de entrevistas nas

casas de algumas pessoas relevantes. A gente fez uma série especial. A equipe foi na casa do Adauto Bezerra (*político, ex-governador do Ceará de 1975 a 1978*), na casa do Nirez (*Miguel Ângelo de Azevedo, jornalista, colecionador, pesquisador*), na casa do Estrigas (*Nilo de Brito Firmeza, 1919-2014, artista plástico*), na casa do José Albano (*fotógrafo cearense*)... E especialmente a do Estrigas foi, pra mim, algo espetacular. Uma oportunidade que eu nunca tinha tido. Então, tinha uma equipe de produção que fazia todo o levantamento, mas eu fazia todo o planejamento. E era tudo gravado ao vivo. E depois, lá na tevê, sempre dava para entrevistar muita gente bacana e interessante. Eu acho que era o principal.

Mas fiquei pouco tempo. Não foi um tempo tão grande que eu possa elencar tanta coisa. Mas tive acesso a essas pessoas especiais, pois eu só cobria coisa ruim... E você começa a cobrir coisas boas, de arte e cultura, você conversa com pessoas e começa a pensar um pouquinho outros aspectos da vida, não só coisas ruins... *Pô*, foi a minha chance.

Mariângela – Kamila, você gostaria de voltar para a redação?

Kamila – É... Até há pouco tempo eu estava me sentindo como jogador recém-saído de campo, que vira comentarista (*risos e gargalhadas*). Eu me sentia como um peixe fora d'água. Mas agora já acalmou. Eu não tenho mais nenhuma condição de voltar para a redação. Não tenho mais vontade. Acho que é pra juventude mesmo. Eu tô muito ranzinza pra isso. Acho que tô meio chata mesmo. Não



Na entrevista com Yuri Firmeza, Jádriel levou uma tangerina e dividiu com Ana Maria, Mariângela e David no caminho de volta. Dessa vez, ele levou tangerina e um cacho de uvas e acrescentou ao lanche oferecido por Kamila.

Ronaldo ficou observando o jardim da casa e encontrou várias flores. Ele começou a tirar fotos e uma delas (no dia seguinte à entrevista) foi para a tradicional postagem no Facebook desejando “bons dias” a todos os amigos.

Ronaldo também tirou uma foto da hora do lanche e no mesmo dia postou no Facebook. Entre os comentários estava o de Kamila: "Belo momento que, com certeza, jamais vou esquecer! Obrigada, gente, pelo carinho ao se disporem a ouvir minhas histórias!"

"Não sou contra essa aproximação do jornalismo com um pouco de entretenimento, uma pegada... Menos séria, menos sisuda."

seria bom e acho que saí na hora certa. Comecei a ficar muito... Chateada. Achando que nada ia funcionar, nada ia dar certo, as pautas não dão em nada, ninguém lê, ninguém assiste, ninguém percebe... Mas tudo aconteceu na hora certa. Não voltaria não. Vou ver se mais lá pra frente eu começo um projeto de audiovisual, de produção de documentários. Eu sinto falta de alguma coisa prática. Mas não voltaria pra redação.

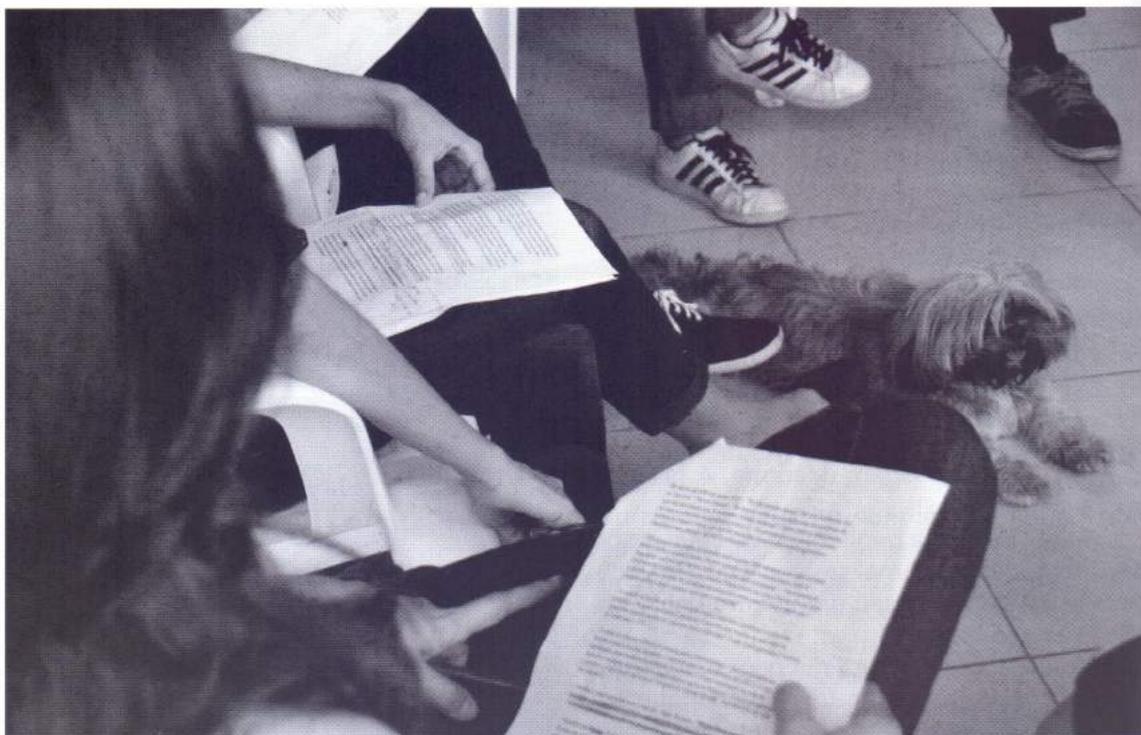
Amanda – Kamila, apesar de não ter mais vontade de voltar para a redação, você fala com muita paixão sobre o que viveu tanto no impresso quanto na tevê. O que foi que, naquele momento, a fez prestar o concurso para a universidade e sair da redação?

Kamila – Eu já estava traçando esse caminho paralelo. Eu já tinha feito mestrado e *tava* traçando um caminho para iniciar na Universi-

dade. Mas eu *tava* feliz na redação e tudo *tava* indo bem. Não tinha uma perspectiva de sair tão cedo. Até que acabou o meu programa e eu fui tirada da televisão. Foi uma situação muito ruim porque... Naquele momento *tavam* discutindo – e eu *tava* participando das discussões, já que eu era uma das chefes, uma das editoras – uma reestruturação da televisão. Mas nunca tinham citado em acabar com o jornalismo. Tinham citado mudar o horário, de coisas boas, inclusive. Quando de repente o chefe me avisa: "Olha, nós decidimos acabar com o programa e a gente não vai mais precisar de você aqui. Tem uma vaga de economia no jornal *O Povo*. Se você quiser, é sua". E eu fiquei extremamente chateada com isso, porque... Houve uma mentira, né? Eu *tava* trabalhando com uma perspectiva de mudança quando era totalmente outra. Eu *tava* motivando a minha equipe, falando que iam ter mudanças, mas não era nada ruim. Então, eu menti pra minha equipe por causa dessa mentira inicial. E eles ainda queriam que eu voltasse lá e falasse: "Fiquem calmos que nada vai acontecer". Eu disse: "Não vou falar isso. Vocês mentiram pra mim e eu vou voltar e falar mentira?" "Não, mas pode ter certeza que ninguém vai ser demitido". Pouco tempo depois um bocodo de gente foi demitida. Eu fiquei muito puta com isso!

Voltei pro jornal *O Povo* como editora-adjunta de economia e entrei lá decidida a sair. Comecei a procurar as pessoas que eu conhecia. Procurei o Gomide (*Marcos Gomide, diretor de jornalismo e esporte*) na TV Verdes Mares, a Isabela (*Isabela Martin, diretora de jornalismo do Sistema Jangadeiro*

Na hora de ir embora, todos sentiram a falta de Breno e Jadiel. De brincadeira, David falou que eles estavam lavando as louças usadas no lanche. E aconteceu exatamente isso. Os dois "sumiram" e foram lavar as louças para ajudar Kamila.



de Comunicação) na Jangadeiro. Ela já tinha me oferecido um trabalho e eu ia sair. Tinha aceitado trabalhar no portal da Jangadeiro e eu ia sair. Avisei ao Arlen (Arlen Medina, diretor de jornalismo do grupo de Comunicação O Povo): "Olha, tô saindo, certo? Quero começar daqui a duas semanas. Estou pedindo demissão". No mesmo dia me liga a secretária da Luciana Dummar, dona do jornal: "A Luciana quer falar com você, urgente. Amanhã, na hora que você chegar, suba para falar com ela". Eu fui falar com a Luciana. (A Luciana disse:) "O que aconteceu? O que é que foi? Por que você quer sair?" Eu contei a situação da tevê, que eu *tava* muito, muito, muito amargurada com aquilo. Ela tentou meio que remediar a situação, me motivar. "A gente precisa de você. A gente tem planos pra você aqui dentro. Não quero que você saia, você é nossa. Você não pode sair para uma coisa pior. Você tem de ficar aqui. Porque aqui é uma casa séria, uma casa de jornalista, a sua casa". É foda, é difícil falar não pra ela (risos). É muito difícil! Eu sei que foi uma longa conversa e eu falei: "Tudo bem, tá bom, eu vou ficar". Desfiz lá essa história da Jangadeiro e continuei. Mas eu continuei pensando: "Quando aparecer alguma coisa..."

Já tinha aparecido algum tempo antes concurso para o curso de jornalismo na UFC do Cariri. E eu podia ter tentado, mas, na época, eu tinha um grande amigo que tentou e passou, inclusive. Mas eu não fui por causa da Ana Clara (filha). Eu achei que ela não ia se adaptar bem por lá. Então pensei: "Ir pra querer voltar, eu não vou. Deixa que o tempo vai..." Aí eu sabia dos concursos novos da UFC para Fortaleza, todos pra doutor, e eu não tinha doutorado. Uma pena! Eu sei que esse meu amigo me avisou que uma das pessoas que tinham tentado concurso pra doutor e não passou era do Cariri. E ninguém tinha sido aprovado nes-

"Eu nunca me senti uma jornalista totalmente pronta, sempre me senti meio "foca". Acho que como professora talvez seja a mesma coisa."



Ana Maria e David aproveitaram o feriado do dia 15 de outubro – dia do Professor – para continuar a edição da entrevista. Foi um processo complicado reduzir de 40 para 25 páginas.

se primeiro concurso. (O amigo de Juazeiro avisa:) "Cara, começa a estudar porque vai ter concurso pra mestre!" E eu falei: "Não acredito, não acredito!" Então ficou tudo ao mesmo tempo. Eu continuaria no jornal por mais algum tempo. Mas tipo, surgiu o concurso. Estudei mesmo. Fui atrás de me preparar e deu tudo certo, passei. Cara, sem dúvida, foi uma iluminação na minha vida. E realmente foi na hora certa, na hora que eu tinha ficado mais, mais, mais chateada em todos os tempos com a redação. Então acho que foi isso, tudo tem a hora certa, às vezes. Mas por quê? Porque eu estava abrindo as portinhas. Eu já tinha meu mestrado. Se eu não tivesse...

Ana Maria – O Jarbas contou que a última matéria que você fez como jornalista de batente foi com ele, na cobertura do ENEM 2012. Quais eram os sentimentos, naquele momento, às vésperas de assumir o cargo na universidade?

Kamila – O Jarbas, cara, é um grande parceiro! Ele me ajudou muito. Nós fizemos muitas, muitas matérias juntos. Viajando mesmo pelo interior não só do Ceará, mas do Piauí. E o Jarbas é um grande fotógrafo. Essa última eu *tava* fazendo um freela pro UOL (Universo Online), pra complementar os vencimentos da bichinha, né? Porque no *O Povo*, como editora, eu ganhava menos do que eu ganhava na *Folha*. A *Folha* me pagava melhor como repórter que *O Povo*, para ser editora. Então eu fazia uns *freelas*. Como jornalista, tem de ralar, tem de ser dois ou três pra dar conta. Você

Para transcrever a segunda metade da entrevista, David utilizou um programa no computador que desacelera a velocidade do áudio para poder compreender melhor as respostas de Kamila. Ana Maria não sabia da existência desse programa.

de Comunicação) na Jangadeiro. Ela já tinha me oferecido um trabalho e eu ia sair. Tinha aceitado trabalhar no portal da Jangadeiro e eu ia sair. Avisei ao Arlen (Arlen Medina, diretor de jornalismo do grupo de Comunicação O Povo): "Olha, tô saindo, certo? Quero começar daqui a duas semanas. Estou pedindo demissão". No mesmo dia me liga a secretária da Luciana Dummar, dona do jornal: "A Luciana quer falar com você, urgente. Amanhã, na hora que você chegar, suba para falar com ela". Eu fui falar com a Luciana. (A Luciana disse:) "O que aconteceu? O que é que foi? Por que você quer sair?" Eu contei a situação da tevê, que eu *tava* muito, muito, muito amargurada com aquilo. Ela tentou meio que remediar a situação, me motivar. "A gente precisa de você. A gente tem planos pra você aqui dentro. Não quero que você saia, você é nossa. Você não pode sair para uma coisa pior. Você tem de ficar aqui. Porque aqui é uma casa séria, uma casa de jornalista, a sua casa". É foda, é difícil falar não pra ela (risos). É muito difícil! Eu sei que foi uma longa conversa e eu falei: "Tudo bem, tá bom, eu vou ficar". Desfiz lá essa história da Jangadeiro e continuei. Mas eu continuei pensando: "Quando aparecer alguma coisa..."

Já tinha aparecido algum tempo antes concurso para o curso de jornalismo na UFC do Cariri. E eu podia ter tentado, mas, na época, eu tinha um grande amigo que tentou e passou, inclusive. Mas eu não fui por causa da Ana Clara (filha). Eu achei que ela não ia se adaptar bem por lá. Então pensei: "Ir pra querer voltar, eu não vou. Deixa que o tempo vai..." Aí eu sabia dos concursos novos da UFC para Fortaleza, todos pra doutor, e eu não tinha doutorado. Uma pena! Eu sei que esse meu amigo me avisou que uma das pessoas que tinham tentado concurso pra doutor e não passou era do Cariri. E ninguém tinha sido aprovado nes-



se primeiro concurso. (O amigo de Juazeiro avisa:) "Cara, começa a estudar porque vai ter concurso pra mestre!" E eu falei: "Não acredito, não acredito!" Então ficou tudo ao mesmo tempo. Eu continuaria no jornal por mais algum tempo. Mas tipo, surgiu o concurso. Estudei mesmo. Fui atrás de me preparar e deu tudo certo, passei. Cara, sem dúvida, foi uma iluminação na minha vida. E realmente foi na hora certa, na hora que eu tinha ficado mais, mais, mais chateada em todos os tempos com a redação. Então acho que foi isso, tudo tem a hora certa, às vezes. Mas por quê? Porque eu estava abrindo as portinhas. Eu já tinha meu mestrado. Se eu não tivesse...

Ana Maria – O Jarbas contou que a última matéria que você fez como jornalista de batente foi com ele, na cobertura do ENEM 2012. Quais eram os sentimentos, naquele momento, às vésperas de assumir o cargo na universidade?

Kamila – O Jarbas, cara, é um grande parceiro! Ele me ajudou muito. Nós fizemos muitas, muitas matérias juntos. Viajando mesmo pelo interior não só do Ceará, mas do Piauí. E o Jarbas é um grande fotógrafo. Essa última eu *tava* fazendo um freela pro UOL (*Universo Online*), pra complementar os vencimentos da bichinha, né? Porque no *O Povo*, como editora, eu ganhava menos do que eu ganhava na *Folha*. A *Folha* me pagava melhor como repórter que *O Povo*, para ser editora. Então eu fazia uns *freelas*. Como jornalista, tem de ralar, tem de ser dois ou três pra dar conta. Você

Ana Maria e David aproveitaram o feriado do dia 15 de outubro – dia do Professor – para continuar a edição da entrevista. Foi um processo complicado reduzir de 40 para 25 páginas.

"Eu nunca me senti uma jornalista totalmente pronta, sempre me senti meio "foca". Acho que como professora talvez seja a mesma coisa."

Para transcrever a segunda metade da entrevista, David utilizou um programa no computador que desacelera a velocidade do áudio para poder compreender melhor as respostas de Kamila. Ana Maria não sabia da existência desse programa.

Durante a entrevista, Kamila citou nomes de várias pessoas (políticos, jornalistas, empresários...). Por conta disso, Ana Maria e David passaram uma tarde inteira pesquisando para fazer as referências corretas a todas essas pessoas.



aprende a escrever rápido. Mas foi um trabalho chato o do ENEM, porque a gente tinha de mandar de minuto em minuto. Foi muito bom por causa do Jarbas, sabe? A gente foi almoçar junto. Em todo canto que a gente ia, ele dizia: "Vamos ver onde a gente vai comer?" (*risos*). O Jarbas adora comer! E eu também. A gente brinca: ganha mal, mas se diverte. É verdade, se diverte.

Breno – Kamila, quais são os seus ideais como professora de jornalismo? Como você passa o que você aprendeu?

Kamila – Olha, eu *tô* aprendendo ainda, viu? Eu *tô* aprendendo a ser professora. Não sei se um dia os alunos vão deixar de ser cobaias. Talvez um dia deixem (*risos*). É engraçado! Eu nunca me senti uma jornalista totalmente pronta, sempre me senti meio "foca". Acho que como professor talvez seja a mesma coisa. Mas é porque é uma busca mesmo por melhorar. Por achar que aquilo não *tá* bom e pode melhorar. Eu tento me atualizar, estudar, assistir ao que eu posso e não posso de telejornalismo. E *tô* tentando, a partir das minhas pesquisas, começar uma interface maior com os estudos nessa área de audiovisual. Não só televisivo, mas de um modo geral. Produção de notícias por vídeo. *Tô* tentando fazer isso, mas ainda *tá* muito embrionário.

Hoje eu tento trazer as minhas experiências, o meu olhar como profissional e o que se tem de bibliografia para embasar as aulas.

Um viés mais prático, mas também crítico, trazendo essa discussão crítica pra sala de aula. Enfim, se cada um de nós tiver uma postura diferente, aquela matéria que *tá* falando sobre um problema social grave não vai sair estigmatizando a pessoa. Vai sair com um questionamento, com uma reflexão crítica. Acho que o principal é isso: é despertar nos alunos que eles têm capacidade de fazer algo com conteúdo mais crítico, não só reproduzindo o que todo mundo faz.

Jadiel – Você acha que, nesse caso, pesa mais a linha editorial ou a formação do próprio comunicador nesse processo de abrir perspectivas nas abordagens do jornalismo?

Kamila – As duas coisas pesam. Mas a formação do profissional, a capacidade dele de transgredir algumas situações conta muito. Lógico que a linha editorial pesa. Se você está em um telejornal, um desses policiais que é sangue e vai mostrar... Há uma tendência natural a uma espetacularização e tudo. Mas, dependendo da formação do repórter, ele não vai estar expondo as pessoas da forma como se faz. Não vai chegar enfiando o microfone na cara da pessoa, desrespeitosamente, achando que a pessoa tem a obrigação de falar quando o filho dela acabou de morrer. A postura é muito relevante e, aí, vai fazer uma diferença. Vai fazer a pauta lá pro jornal policial, mas não pra sair desse jeito, escrachado. Agora, o problema é que as pessoas acabam concordando com esse tipo de abordagem e reproduzem sem questionar. E isso vai virando uma bola de neve, vai ficando cada vez pior. É um buraco profundo em busca da audiência. Se cada um procurar fazer diferente, a coisa vai mudando, porque não vai depender do chefe. O chefe vai pensar no lucro, na audiência e no quanto isso está rendendo. Mas você, na sua pontinha, pode fazer a diferença. É você quem está lidando com o conteúdo. A abordagem é você quem faz.

Amanda – Kamila, em relação a essa sua mudança pra academia e sobre a visão que

“É muito difícil conseguir construir um bom jornalismo se você não tiver essa capacidade mais ampla, um olha plural, diverso e crítico.”

Muitos ex-alunos e alunos de Kamila ficaram empolgados ao saberem que ela seria uma das entrevistadas da edição 33 da *Revista Entrevista*. Alguns a chamam de "diva da comunicação".

“Sou muito realizada mesmo. Eu acho que a minha vida nesse aspecto tem sido incrível e eu vejo um caminho muito bom, muito positivo na universidade.”

Você falou da postura do jornalista. Você acha que o seu ponto de vista mudou? Você vê o jornalismo hoje diferente de quando você via antes, como ele é feito na prática?

Kamila – Não, não vejo. Mantenho a visão. E, às vezes, a crítica aumenta um pouco no sentido de achar que ainda há uma deficiência nessa formação para fortalecer esse espírito mais crítico. Mas eu vejo da mesma forma. A postura é essa e o bom jornalismo tem de ser por aí. É muito difícil conseguir construir um bom jornalismo se você não tiver essa capacidade mais ampla, um olhar plural, diverso e crítico. Se não tiver isso, você não consegue fazer um bom jornalismo, seja da área que for. Eu fico muito feliz. Meu marido é de jornalismo de cultura. E ele consegue dar esse diferencial no Caderno 3 (*Jornal Diário do Nordeste*). Ele tem pautas muitas vezes bem críticas. Levanta discussões muito boas que geram um debate no campo da cultura. Fico muito satisfeita e admiro muito por isso. Porque às vezes no jornalismo cultural é muito oba-oba, que fala de uma mostra, de um show, e não é só isso. Tem a política cultural. Tem toda a estrutura desse campo que depende muito do Estado, das políticas públicas. Ele tem esse olhar. Tem de ser assim, no campo que for. O cara do esporte tem de ter essa cabeça. Conheço vários jornalistas de esporte que têm essa cabeça e eu acho ótimo. Não é só cobrir jogo. Ou “vamos lá cobrir o treino do Fortaleza”. E, cara, tá tudo ali. O treinador do Fortaleza é o Osmar Baquit, político, deputado. Por quê? O do Ceará, Evandro Leitão, também é político. Cara, olha só, vamos entender essas relações. Então eu não mudei não. É a mesma coisa.

Mariângela – Kamila, depois de todas essas mudanças e reflexões, você se sente realizada, tanto profissionalmente quanto na sua vida pessoal?

Kamila – Muito realizada, muito realiza-

da mesmo. Eu já me acho uma pessoa muito sortuda. Passei por um bocadinho de coisa e eu falo... Às vezes, as pessoas acham que... Quem entrava na *Folha* só por Q.I., que é o “Quem Indica”, né (*risos*)? O que eu não tive. Foi tudo pelo esforço, por aproveitar as oportunidades e ser um pouco ousada. Essas últimas (*ousadias*) de mudar do jornal impresso pra televisão e depois de mudar do jornal pra universidade acho que foram dois movimentos ousados que eu fiz. Acho que foi bem... (*risos*). Eu pensei: “Pô, aprender tudo de novo, começar tudo de novo”. Mas eu acho que é isso aí. Eu sou extremamente feliz. Acho que fiz a escolha certa da profissão. Não poderia ser outra coisa e isso é muito bom. A pessoa que chega nesse ponto – eu tenho 36 anos, eu não sou tão velha – e achar que escolheu o caminho errado e ter de começar realmente tudo de novo é muito... Chato, difícil. Porque com família e com todas as obrigações que a gente tem, todas as prestações... Prestações da casa, do carro, do cachorro... Não, do cachorro não (*risos*). Eu sou muito realizada mesmo. Eu acho que a minha vida nesse aspecto tem sido incrível e eu vejo um caminho muito bom, muito positivo na universidade. Tenho muitos planos. Primeiro, claro, fazer o doutorado e depois ter projetos lá dentro que incrementem essa discussão sobre a produção audiovisual. E aos poucos eu acho



Durante a diagramação da revista, Gleydson Moreira pediu para a dupla de produção elaborar mais duas janelas. Ana Maria e David ficaram desesperados porque não tinham mais ideias.

Era necessário que a dupla de produção escolhesse duas fotos para compor a capa. Ana Maria e David fizeram a escolha à distância porque Ana Maria estava no intercâmbio, em Portugal.